

Concordia Seminary - Saint Louis

## Scholarly Resources from Concordia Seminary

---

Cursos teológicos-otros

Recursos en español

---

10-1-2025

### (nuevo) Curso de homilética-portugués

Vilson Scholz

Follow this and additional works at: [https://scholar.csl.edu/cursos\\_teologicos-otros](https://scholar.csl.edu/cursos_teologicos-otros)



Part of the [Practical Theology Commons](#)

---

# **Pregar o Evangelho: o que é isso e como se faz?**

(Um Breve Curso de Homilética)

Prof. Dr. Vilson Scholz

## **Prefácio**

Tenho bem vivos na memória os dias que antecederam o início da disciplina de Homilética, nos idos de 1974, como aluno recém-chegado ao Seminário Concórdia, em Porto Alegre. Aquela não me parecia simplesmente mais uma disciplina do currículo. Passava-me pela mente a pergunta: Como esse professor vai nos ensinar a pregar? Qual o segredo da pregação? Será que minha turma será capaz de aprender a arte homilética?

Conseguiremos fazer isso em um semestre? Fato é que até o final daquele semestre todos os alunos daquela turma tinham pregado seu primeiro sermão. E o primeiro sermão a gente nunca esquece. O texto que me foi entregue pelo Dr. Otto A. Goerl foi 1 Pedro 2.9.

Ao longo do Bacharelado em Teologia e, depois, no Mestrado, tive o privilégio de aprender com mais quatro docentes. O segundo deles insistiu até à exaustão que fizéssemos uma pregação dentro do estrito molde clássico, com tema e partes, sendo que as partes deveriam ser desmembradas ou brotar naturalmente do tema. Dizia-nos que talvez nunca mais faríamos uma pregação como aquela, mas em sua disciplina teria de ser assim. Não tenho convicção de que, como turma, tenhamos atingido esse alvo. O terceiro professor como que “abriu a janela” e nos incentivou à criatividade. O quarto docente destacou a importante polaridade de lei e evangelho. E, por fim, o quinto professor focalizou o contexto litúrgico, mostrando como a pregação se insere no culto e se relaciona com as leituras (as perícopes) de cada domingo.

Depois, a homilética se tornou companheira constante ao longo do ministério pastoral, na tarefa prática de elaborar pregações e preparar mensagens que seriam impressas. E, de tempos em tempos, Dona Homilética batia à porta e convidava a que se desse alguma atenção a ela, na forma de algum artigo, um livro novo, uma coletânea de sermões inspiradores. Mas nada se compara ao desafio de “calçar as sandálias” do saudoso Dr. Goerl e lecionar Homilética I aos seminaristas e futuros pastores. Agora a pergunta passa a ser: Serei capaz de ensinar esses rapazes a pregar? Existe uma maneira de fazer isso?

Quando se está incumbido de fazer isso por dever de ofício, como docente da disciplina de Homilética, a resposta terá de ser: De alguma forma teremos de chegar à elaboração e pregação do primeiro sermão. E, naquilo que segue, faço um registro do que, em termos gerais, foi transmitido e discutido em Homilética, nos anos de 2021 e 2022.

Ao longo desse processo, aprende-se, como docente, que mais importante do que ensinar a preparar a pregação é preciso formar o pregador. Porque a pregação sempre tem um caráter de testemunho pessoal. Se não tenho nada a testemunhar, não poderei pregar como se espera. Essa formação do pregador se dá no Curso de Teologia como um todo e se estende ao longo da vida, na escola da experiência. O Grande Mestre é e sempre será o Espírito Santo.

No entanto, isto não impede que se faça o esforço no sentido de clarear a tarefa homilética. Quem sou como pregador? O que devo pregar? Como se prega de forma mais eficaz? Como em outras atividades do labor teológico (a interpretação de textos bíblicos, por exemplo), seguir um método não é garantia de que o resultado será satisfatório. No entanto, é melhor desenvolver e seguir uma metodologia do que simplesmente seguir impulsos ou intuições. Neste sentido, desde os inícios da Igreja Cristã, teólogos se dedicaram à tarefa de mostrar como se ensina e como se prega a mensagem cristã. Alguns dos mais conhecidos Pais da Igreja tiveram formação secular no campo da retórica e, mais tarde, como líderes da Igreja, colocaram esse conhecimento a serviço da proclamação da palavra de Deus. O melhor exemplo disso talvez seja Agostinho. A obra *Da Doutrina Cristã*, que é um manual de hermenêutica bíblica e de homilética, tem lições valiosas ainda em nossos dias. Não seria um clássico, se não tivesse sido preservado e estudado ao longo de 1.600 anos.

Este Breve Curso de Homilética gira em torno das seguintes perguntas: Quem sou eu como pregador? O que vou pregar? Como vou organizar o que tenho a dizer? Como vou dizer o que preparei para falar? O que levar em conta na pregação de certos textos bíblicos? Mas vamos começar aos poucos, com uma Introdução.

**I****Introdução****A Homilética no Curso de Teologia**

Homilética é uma disciplina do curso de Teologia, especialmente importante quando se tem em vista uma habilitação ao ministério pastoral. Assim, embora cada professor de Teologia possa dizer que a sua disciplina é fundamental, indispensável, a Homilética é diferenciada. Não se trata simplesmente de mais uma disciplina; trata-se do acesso a um mundo do qual o candidato ao ministério e futuro pastor não pensará em sair tão cedo (a menos que desista do ministério). Por mais importante que seja uma disciplina como História da Reforma, ela não passará a fazer parte do dia a dia ou da atividade semanal do pastor (a menos que ele se torne professor de História da Igreja). A Homilética, porém, acompanha o pastor vida afora.

Na verdade, a Homilética é a vitrine da Teologia. Aquilo que temos no depósito da Teologia aparece na vitrine da Homilética. Se ainda lembro ou não os detalhes da exegese do genitivo grego (bom seria jamais esquecer!), isso não fará diferença no ambiente do culto da Igreja. Agora, se não consigo elaborar uma pregação bíblica, coerente e equilibrada em termos de lei e evangelho, isso logo ficará visível.

Pode-se dizer que diferentes disciplinas do curso de Teologia desembocam na Homilética. O estudo das línguas bíblicas se destina a possibilitar um exame mais metucioso dos textos bíblicos – que cedo ou tarde serão levados ao púlpito. Princípios de Interpretação Bíblica é uma disciplina que impacta diretamente a pregação. A resposta correta na prova de Dogmática fará parte do fio teológico da pregação. Em História da Reforma aparece a importante redescoberta do evangelho. Um eventual estudo de Lógica e Retórica contribui para a elaboração de uma fala bem estruturada. Cada disciplina do curso de Teologia tem sua importância e todas elas aparecerão cedo ou tarde na vitrine da Homilética.

**O caráter prático da Homilética**

O termo “homilética” (que não deveria ser confundido com uma imaginária “omelética”, ou seja, a técnica de fazer omelete) tem a ver com o verbo grego *homiléin* (At 20.11, por exemplo),

que designa um falar, conversar. Os antigos chamavam a Homilética de  $\diamond$  βμιλητικ  $\diamond$  τέχνη (“a técnica homilética”). Assim, pregar é essencialmente conversa. Essa disciplina é tanto arte ou dom quanto ciência. Pregar é acima de tudo um dom. Mas a palavra “ciência” indica que a arte de pregar é algo que se pode desenvolver. Assim, mesmo quem não se considera particularmente agraciado pode, com o auxílio da técnica homilética e sob a bênção de Deus, tornar-se um instrumento útil na proclamação do evangelho.

Homilética é uma disciplina eminentemente prática. Mais do que uma disciplina em que se transmitem conteúdos, que serão depois objeto de provas, a disciplina é um laboratório. E não existe uma fórmula única, a ser assimilada por todos os envolvidos na aprendizagem. O professor pode mostrar como ele faz, mas cada aluno terá de pôr a mão no tubo de ensaio e encontrar o seu jeito. Sendo disciplina prática, não deveria haver um só semestre de Homilética sem que os alunos fossem ao púlpito pregar!

Não há dois pregadores absolutamente idênticos. Cada um é cada qual. Pregar é algo tão pessoal quanto a escova de dentes. Neste sentido, é bem verdadeira a observação de que “mais do que ensinar a preparar a pregação é preciso preparar o pregador”. A pregação nunca pode deixar de ter o caráter de testemunho.

A Homilética dificilmente poderá ser fatiada. Mesmo que se decida colocar a apresentação de pregações por parte dos alunos no final do segundo semestre, será apenas nesse momento de “ocupar o púlpito” que a disciplina chega ao seu final. E cada nova disciplina sobre o tema da Homilética terá de tratar desse assunto na sua íntegra. A Homilética sempre acaba no púlpito.

### **O objetivo específico da Homilética**

Se precisarmos formular um objetivo bem específico da Homilética, podemos dizer que ela se propõe a levar o aluno a “elaborar uma fala que leva em conta o contexto litúrgico, que brota do texto bíblico, focaliza o evangelho, condiz com a sã doutrina, apresenta unidade temática, revela estilo de linguagem falada, tem sabor contemporâneo e representa uma fala que vem do coração e vai ao coração”.

A pregação é uma fala. Ela é o ato de pregar. “O sermão é o pregador pregando – uma ação, não uma coisa. (...) O sermão é uma criação pessoal, íntima, pertencendo essencialmente ao próprio momento da pregação” (John Knox, *A Integridade da Pregação*, 68). Sendo assim, uma

pregação nasce duas vezes: no momento do preparo e no púlpito.

Interessa mesmo o que acontece no púlpito. Ninguém saberá como e em quanto tempo o pregador gestou a pregação. No entanto, quem está no templo verá e ouvirá o que acontece e é dito do púlpito.

A pregação precisa levar em conta o contexto cúltilo, porque o habitat natural do pregador é o santuário. Ele prega fora do templo também, mas as pregações regulares, intransferíveis, estão programadas para o momento do culto. Assim, a pregação não é um episódio isolado, mas um elemento a mais num conjunto de ações que fazem parte do culto. Na Liturgia Luterana, a Pregação é ponto número 15 num conjunto de 28 pontos. A Liturgia como um todo é uma pregação. Houve pregação antes do momento da fala do pregador, através de hinos e da proclamação das leituras bíblicas. A boa pregação leva em conta ou se alimenta desse contexto litúrgico, em especial das leituras bíblicas do dia.

Além de brotar do texto bíblico, a pregação precisa focalizar o evangelho e condizer com a sã doutrina. O pregador é acima de tudo pregador do evangelho. Não pregamos textos bíblicos; pregamos o evangelho. A pregação precisa igualmente ser condizente com a sã doutrina. Além de refletir a boa teologia, a pregação ensina doutrina, na medida em que inclui um “fio teológico” (algo a ser abordado mais adiante).

Além desse aspecto de conteúdo (o que dizer), a pregação tem também um aspecto formal (como dizer). Há quem entenda que ensinar Homilética é basicamente ensinar esse “como dizer”. No entanto, “o que dizer” é igualmente importante. Manuais de Homilética do período da Reforma luterana enfatizavam unicamente esse “o que dizer”. Isso é compreensível, na medida em que havia uma preocupação especial com o enfoque evangélico.

Sob esse aspecto formal, a boa pregação se caracteriza por unidade temática. Assim como não há livro sem título, é extremamente anômalo o sermão sem tema. Mas, tendo tema, precisa ter um tema único. E, na medida em que pregar é um ato, uma ação, o que menos interessa é o que foi anotado ou posto no papel. Assim, a boa pregação revela um estilo de linguagem falada (e não um “estilo literário”). Outra característica importante é o sabor contemporâneo. A pregação não deveria ter o sabor de “pão requeimado” (ver o texto de August Pieper a respeito disso, no Apêndice). A linguagem precisa ser a linguagem falada de nosso tempo, e não formulações fossilizadas ou expressões que refletem o estilo de uma tradução feita cem ou trezentos anos atrás. Por último, a boa pregação é uma fala que vem do coração e vai ao coração.

Pregação tem o caráter de testemunho. Há uma grande diferença entre externar o que foi internalizado (“pregar de ouvido”) e reproduzir o que foi registrado num manuscrito. (Mais sobre isso adiante.)

## II

**Quem sou eu, o pregador?**

A pregação é o final de um processo, algo semelhante (para fazer uso de um símile) a servir um suflê de batatas. Seria perfeitamente possível começar este estudo com o final do processo: como se coloca esse suflê na mesa e como ele deveria ser servido aos convidados. Mas, em geral, o estudo da pregação começa pelo menos num estágio anterior: a preparação do suflê. Que receita vamos usar? Como vamos descascar as batatas? Quantas batatas serão necessárias? (Aproveitando a metáfora, cabe dizer já neste momento que não será necessário – nem possível – levar para a mesa todas as batatas que foram compradas. Será preciso deixar algumas batatas para o almoço do dia seguinte. De forma direta isto significa que a pregação precisa ser “sob medida”, completa em termos do texto que se está pregando, mas sem necessariamente abordar todo o conteúdo bíblico ou todos os pontos doutrinários. Voltando à metáfora, também não convém levar as cascas para a mesa. Isto significa que os elementos que entraram na composição da fala, todo o estudo prévio, aquela interessante palavra grega, precisam ser deixados na cozinha do escritório.) É possível (e às vezes necessário) começar num estágio ainda mais remoto, a saber, ensinando como se descasca as batatas e que faca é a mais indicada para fazer isso. Em termos concretos, talvez seja necessário ensinar como se estuda e absorve (“medita”) o texto designado para a pregação. Normalmente, porém, isso é tratado de forma bastante ampla na disciplina de Princípios de Interpretação Bíblica. Mas houve quem retrocedesse mais ainda. Em seu clássico livro *Homiletics*, do início do século vinte, J. Michael Reu começa com uma defesa da integridade do texto bíblico, rebatendo o que, àquele tempo, se chamava de “alta crítica”. (Reu era membro e professor do extinto Sínodo Luterano de Iowa, que foi integrado em outro sínodo dos Estados Unidos, que, por sua vez, foi inserido na atual *Evangelical Lutheran Church in America* – ELCA. Percebe-se que a luta de Reu foi em grande parte uma “causa perdida”.) Em termos da metáfora do suflê de batatas, esse passo inicial de Reu seria equivalente a defender a plantação de batatas do ataque de ladrões. Não admira que a obra de Reu tenha uma extensão de não menos de 640 páginas!

## Quem me autoriza a pregar?

Numa situação marcada pela pressa e exiguidade de tempo, normalmente se começa a disciplina de Homilética com a “receita” sobre como preparar a refeição. Entra-se diretamente na discussão sobre “o que pregar” e “como pregar”. No entanto, alguns prolegômenos se fazem necessários. Se tão ou mais importante do que preparar a pregação é preparar o pregador, é necessário que este tenha clareza quanto à sua identidade. Quem sou eu? Por que vou ocupar esse púlpito? Quem me autoriza a pregar? Estou falando em nome de quem?

Richard Caemmerer escreveu, em 1959, a mais recente (e talvez última) obra sobre a Homilética clássica ou tradicional. (Logo depois de Caemmerer surgiria o que veio a ser chamado de “Nova Homilética”, marcada pela pluralidade de enfoques.) Caemmerer, que foi professor de Homilética no Concordia Seminary de St. Louis, intitulou a sua obra de *Pregando em Nome da Igreja*. (Há informações de que Caemmerer escreveu dois manuais de Homilética: “Pregando para a Igreja” e “Pregando em nome da Igreja”. Apenas o segundo foi publicado.) O título desse livro dá uma resposta às perguntas feitas acima. O pregador prega *pela* Igreja. Ele proclama o que a Igreja tem a proclamar e quer proclamar. Há uma grande verdade nisso. A pregação não é do pastor; é da Igreja. A Igreja precisa poder dizer “amém” ao que é proclamado.

No entanto, dizer que se prega em nome da Igreja ainda não é a resposta mais completa à pergunta: Quem me autoriza a pregar? (Caemmerer não estava de forma alguma querendo negar o que será exposto neste parágrafo.) O pregador não ocupa o púlpito apenas porque a Igreja o “contratou para fazer esse serviço”. O pregador ocupa o púlpito porque Deus instituiu o ofício da pregação (Confissão de Augsburg, Artigo V). Cristo colocou o púlpito na Igreja (e no mundo). O que a Igreja faz (tem o privilégio de fazer!) é eleger o homem que vai ocupar aquele púlpito. Assim, aquele que prega, prega em nome de Cristo. E se precisamos responder a pergunta sobre quem nos autoriza a pregar, podemos dizer: Sou chamado por Cristo, que chama por meio de sua Igreja. (Este era um tema candente no período da Reforma. Os entusiastas diziam: O Espírito Santo me enviou. Os romanos diziam que os seguidores de Lutero tinham abolido o ministério pastoral. Em resposta, os evangélicos redigiram o Artigo XIV da Confissão de Augsburg, com ênfase no “chamado regular” – *rite vocatus*. Esta é a regra e a resposta aos detratores: mantemos o ofício pastoral. Não significa que um aluno de Teologia, que está sendo formado e treinado para ser um pregador, não possa, durante o curso e sob a devida supervisão, ocupar o púlpito.

Não se deveria aceitar posições de clericalismo extremado.) Quem eu sou. Ou, melhor, quem eu não sou.

Não sou profeta, no sentido de alguém que recebeu uma revelação direta de Deus. Não posso dizer: “Jesus falou comigo hoje ao amanhecer”. Não quero tampouco ser um falso profeta, no estilo da descrição que aparece em Jeremias 23, apresentando minhas ideias e meus sonhos como sendo palavra de Deus. Também não sou apóstolo, no sentido dos apóstolos do Novo Testamento. Não estive na cena relatada em João 20. Não quero tampouco ser falso apóstolo (2 Co 11.13).

Não sou “tagarela”, que é como se traduz o termo grego *spermólogos*, em Atos 17.18. Não se trata de um tagarela no sentido de alguém que fala muito, mas no sentido de alguém que faz uma colcha de retalhos, juntando ideias de outros. (Literalmente, um *spermólogos* é um “catador de sementes”, semelhante a uma ave. O termo foi usado em sentido pejorativo, em referência a Paulo, em Atenas.) Mais grave ainda do que fazer uma combinação de ideias de outros (denomino esse tipo de mensagem de “sermão Frankenstein”) ou, então, ser plagiador, apropriando-me indevidamente do que outros produziram e dando a entender que é meu. Isto não significa que o pregador não pode valer-se do que outros fizeram. Nada impede que se leia, escute ou veja boas pregações. É até recomendável que se faça isto. Lutero publicou livros de pregações para pastores com pouca educação formal. No entanto, tudo aquilo que se lê e pesquisa precisa, para ser levado ao púlpito, passar pelo filtro da personalidade do pregador.

### **Sou administrador dos mistérios de Deus**

O termo grego é *oikonómos*, e esta metáfora, aplicada ao pregador, é tirada do ambiente da casa. O texto de 1 Coríntios 4.1-2 toca neste assunto. O *oikonómos* era, como diz uma edição mais antiga da Almeida, o “despenseiro”, o encarregado da despensa. Mas *oikonómos* podia designar também o administrador da casa. Não o dono, mas o administrador. Hoje a Nova Almeida Atualizada diz “*encarregados dos mistérios de Deus*”. O texto de Lucas 12.42 é sugestivo, na medida em que apresenta o *oikonómos* como aquele que dá aos demais servos da casa “o sustento no devido tempo”. Um termo muito apropriado para o pregador! Ele não produziu o “alimento”, mas cabe a ele distribuí-lo na medida adequada.

Se adicionarmos mais dois textos, diremos que o encarregado dos mistérios de Deus tira do

depósito “coisas novas e coisas velhas” (Mt 13.52). Sim, coisas velhas também.

Disse um especialista em homilética que 90% do que dizemos deve ser algo que os ouvintes reconhecem (como algo velho e conhecido). Eles precisam poder dizer o amém. O outro texto é Atos 20.27, onde o apóstolo Paulo assegura aos pastores de Éfeso (apresentando-se como modelo de pastor) que ele anunciou “todo o plano de Deus”. Não tudo de uma só vez. Paulo ficou três anos em Éfeso (At 20.31).

### **Sou arauto**

O termo grego é *kēruux*, usado em 1 Tm 2.7 e 2 Tm 1.11. (Também podem ser referidas as passagens de 1 Co 1.21, 23 e 2 Co 4.5.) Esta é uma metáfora do âmbito político, no sentido amplo da palavra (relacionado com a *pólis*). Nos tempos bíblicos, o arauto era um mensageiro oficial, que transmitia as mensagens de reis, juízes, chefes militares, ou, então, conclamava o povo para reuniões ou outras atividades. Em nosso tempo, o equivalente é um porta-voz do governo. O pregador é porta-voz de Deus. A mensagem não é dele; ele é apenas o veículo ou meio.

Nos textos em que ocorre esse termo grego, nas cartas a Timóteo, as traduções tendem a dizer “pregador”. É um bom equivalente de tradução, porque Paulo era exatamente isto: um pregador. No entanto, se estivermos lembrados das nuances do termo grego, ele adquire um significado todo especial.

### **Sou embaixador**

Em dois textos (2 Co 5.20; Ef 6.20), Paulo diz que “somos embaixadores”. Esta metáfora vem também do âmbito político, e é algo que conseguimos visualizar com mais facilidade. Embaixadas ou missões representativas são coisas conhecidas desde tempos imemoriais e ainda fazem parte da vida em nossos dias. (O termo “embaixada”, num sentido secular, aparece em Lc 14.32 e Lc 19.14.) O embaixador leva a mensagem que recebeu para entregar e só pode fazer aquilo que foi autorizado a fazer.

## Sou testemunha

O termo grego é *mártys*, e o âmbito ao qual pertence é o jurídico. (O substantivo aparece em Atos, mas Paulo nunca chega a usar o termo “testemunha” no sentido de alguém que anuncia o evangelho. Em alguns momentos, ele invoca Deus como testemunha a seu favor. Veja, por exemplo, Rm 1.9 e 2 Co 1.23.) A palavra *mártys* aparece em At 22.15, num texto em que Paulo relata o seu chamamento para ser apóstolo: “você terá de ser testemunha (*mártys*) dele (ou, a favor dele, isto é, de Cristo) diante de todos, anunciando as coisas que você tem visto e ouvido”. Para nós, testemunhar ou ser testemunha é falar da fé cristã a alguém. No Novo Testamento, de modo geral (e nesse texto de At 22 em particular), alguém é testemunha daquilo que viu e ouviu. O pregador de hoje também é testemunha no sentido do Novo Testamento, só que de forma derivada (e não direta). Não vimos nem ouvimos o que os apóstolos de Cristo viram e ouviram. Não temos “experiências pessoais” para relatar. Nós ouvimos o que os apóstolos nos relatam e, por derivação, damos o mesmo testemunho. (Ver também At 20.24 - “o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar (*diamartyrasthai*) o evangelho da graça de Deus”.)

## Sou pai

Também essa metáfora do “pai” é tirada do âmbito doméstico. O apóstolo Paulo afirma, em 1 Co 4.15: “Eu gerei vocês em Cristo Jesus pelo evangelho”. (Em Gl 4.19, Paulo se apresenta como mãe, ao dizer: “meus filhos, por quem, de novo, estou sofrendo as dores de parto, até que Cristo seja formado em vocês”.) É bem verdade que no contexto protestante não é muito comum fazer-se uso dessa metáfora de pai (conhecemos os “padres”, mas nem nos damos conta de que “padre” é, a rigor, “pai”). Pregar o evangelho é lançar a semente da qual são gerados filhos e filhas de Deus. Ser pastor é ser um pai que cuida dos seus filhos espirituais. Neste sentido, ser pregador e ser pastor são as duas faces da mesma moeda. Nossa tendência é olhar para o pregador (e quem ensina Homilética é tentado a isolar este aspecto do ministério), mas as igrejas valorizam seu pastor na medida em que está ao lado dos fiéis em seus momentos de tristeza e de alegria. Um bom trabalho pastoral pode muito bem compensar um ‘desempenho’ menos impactante no púlpito. (Há uma história de um pastor que foi ‘contratado’ por uma igreja no Reino Unido por um prazo determinado. Ao final do contrato, o pastor pensava que certamente

os seus dias de ministério ali estavam contados. Afinal, suas pregações eram apenas razoáveis. Mas, para sua surpresa, a igreja renovou o contrato. Ao final desse novo período, a mesma angústia do pastor. Sentia-se inadequado como pregador. Mas, para sua renovada surpresa, a igreja decidiu por nova extensão do contrato. Foi então que ele se dirigiu aos líderes com a seguinte pergunta: “Me expliquem uma coisa: as minhas pregações são sofríveis, tenho muita dificuldade nessa área, mas vocês já renovaram o meu contrato duas vezes. O que é que está acontecendo aqui?” Ao que o representante daqueles líderes respondeu: “Para começo de conversa, nossa maior preocupação nunca foi termos um pregador...”)

### **Sou servo**

O termo grego é *diákonos*, que normalmente traduzimos por “ministro”. (Como no âmbito governamental ministro é alguém que só está abaixo do presidente, nossa tendência é pensar em “ministro” como “figura importante”. Raramente nos ocorre que “ministro” significa “servo”.) Vários textos bíblicos podem ser citados: 2 Co 3.6; 4.4; 11.23; Ef 3.7; Cl 1.23, 25; 1 Tm 4.6. No contexto do Novo Testamento, uma das imagens que vinha à mente quando se usava a palavra *diákonos* era a de um intermediário numa transação, podendo ser também o intermediário de uma divindade. Quando Paulo se diz *diákonos* de Cristo, ele não está dizendo nada muito diferente do que ele dizia quando usava o termo “apóstolo” (que significa “procurador”, “delegado”, “representante autorizado”). Mas, na Segunda Carta aos Coríntios, Paulo acentua a sua condição de *diákonos*. (Ele não está em si defendendo o seu apostolado, pelo menos não nos mesmos moldes que ele o faz na Carta aos Gálatas.) Paulo insiste junto aos coríntios que eles não podem ficar sem um *diákonos*, e que é fundamental ficar com o *diákonos* certo (que é fundamentalmente aquele que leva em seu corpo o morrer de Cristo, ou seja, que realiza seu trabalho sob o signo da cruz). E esta é uma verdade muito importante: na Igreja cristã nunca se pode abrir mão do pregador. (Quem é adepto de religiões orientais ou pratica meditação pode ficar em silêncio, contemplando o próprio umbigo. Na Igreja cristã, temos quem fala e quem ouve. Não podemos ficar sem um pregador. E a pregação – no púlpito ou fora dele – irá durar até o dia da vinda de Cristo.)

A propósito do termo “servo”, cabe uma reflexão sobre a relação entre o pregador (ou pastor) e a Igreja. O pastor é servo. Isto significa que ele não é senhor; é servo. Neste sentido, é

inadequado que um pastor se refira aos membros da Igreja como “meus membros”. Mas é servo de quem? Servo da Igreja? Sim. Em Cl 1.24-25, Paulo afirma que ele se tornou “servo da Igreja”. (Neste sentido, é mais apropriado que os membros digam “nosso pastor” do que o pastor dizer “meus membros”.) No entanto, o pastor não é “servo da Igreja” no sentido de um simples empregado. Afinal, ele é também (e acima de tudo) servo de Cristo. Isto significa, para dizer tudo de forma mais rápida e abreviada, que o pastor não está *abaixo* da Igreja (como simples empregado, por mais que exista um ‘contrato’ de trabalho) nem *acima* da Igreja (como aquele que domina e decide tudo); o pastor é servo de Cristo (e do evangelho) *dentro* da Igreja. Em Atos 20.28, Paulo se dirige aos pastores, dizendo: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho *no qual* o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”.

### **Por fim...**

Há ainda outros títulos que poderiam ser examinados, termos como “pastor” e “semeador”. No entanto, todos eles se enquadram no mesmo molde traçado pelos títulos anteriores. O pregador (e pastor) não existe em função de si mesmo. Ele existe e atua em função de outros. Sem rebanho, ninguém é pastor. Sem quem escute, ninguém é pregador.

### III

#### O que vou pregar?

Nem todos os manuais de Homilética ou professores da disciplina dão atenção especial ao assunto ou conteúdo da pregação, entendendo que cabe à Homilética principalmente ensinar o “como” da pregação. Este aspecto retórico já recebe ênfase em Agostinho, na obra *Da Doutrina Cristã*. Na Idade Média, este aspecto formal recebeu destaque especial, na medida em que se desenvolveu a conhecida estrutura de um tema, com três partes. (O número três se revestia até mesmo de contornos simbólicos, lembrando a Trindade.)

No tempo da Reforma, percebe-se uma ênfase bem diferente. Os primeiros manuais de Homilética ocupam-se unicamente do conteúdo da pregação. Era necessário ensinar aos pregadores o que lhes cabia anunciar do púlpito, como pregadores do evangelho. Era importante pregar a teologia da Reforma.

Não existe um “ou isso, ou aquilo”, porque as duas coisas são importantes. Se “o meio é a mensagem” (ou, pelo menos, faz parte da mensagem), a forma é importante. No entanto, não adianta querer dizer tudo dentro dos “conformes” da retórica, sem ter algo relevante a dizer. E se alguém tem algo relevante a dizer, mas não consegue falar isso de forma ordenada e clara, a comunicação não se estabelece. Conteúdo e forma andam de mãos dadas.

Se, em resposta à pergunta “o que vou pregar?”, focalizarmos o conteúdo da pregação, seria possível dizer, de forma rápida, que nos cabe pregar o evangelho, a boa notícia de Jesus Cristo, a partir de um texto da Bíblia. Mas é possível aumentar isso de dois elementos (texto, evangelho) para quatro fios que entram na composição da textura do sermão: texto, teologia, lei e evangelho, interpretação do ouvinte. Esses quatro fios são apresentados e descritos por David Schmitt, em “A Tecelagem da Pregação”. (Schmitt é professor de Homilética no Concordia Seminary de St. Louis, Estados Unidos. O artigo foi traduzido e está em *Igreja Luterana* 80 (2019), 73-119.) Quatro fios: esta é uma maneira criativa de mostrar o que deve fazer parte de uma pregação. À luz do que se constatou a respeito da pregação no período da Reforma, é importante e indispensável que se dê atenção e destaque ao aspecto “material” (o conteúdo) da pregação.

Antes de fazer a apresentação dos fios, cabe destacar que, segundo o professor Schmitt, a identificação dos quatro fios é um recurso analítico. Isto significa que, elaborada ou anunciada a pregação, o instrumento dos quatro fios ajuda o pregador a verificar se os ingredientes essenciais

de um sermão se fazem presentes. Talvez não estejamos acostumados a fazer esse tipo de análise, mas é importante ter autocritica e abertura para críticas. Aqueles que ouvem as pregações (a Igreja) têm o direito (até mesmo o dever) de ficarem atentos ao que se proclama do púlpito. Lutero, ao comentar as palavras de Jesus, “as minhas ovelhas ouvem a minha voz”, afirma que, se o que ouvem não é a voz do Bom Pastor, as ovelhas têm o direito de reclamar. No entanto, um instrumento de análise pode se tornar um recurso heurístico, ou seja, um guia na tarefa de elaborar a pregação. (Faz-se algo semelhante com a retórica clássica ou greco-romana no estudo das epístolas do Novo Testamento. Só que no sentido inverso: os manuais antigos ensinam a elaborar o discurso, que é o aspecto heurístico; nós usamos essas dicas para analisar textos, que é o aspecto analítico.)

Não será necessário (nem possível) reproduzir na íntegra o artigo do professor Schmitt, que está publicado e disponível para leitura. No que segue, farei uma combinação de elementos tirados daquele artigo e comentários pessoais.

### **O fio da exposição textual**

O primeiro fio da pregação é a exposição textual, o que significa que a pregação se baseia num texto bíblico. Afinal, como pregar a palavra de Deus sem que essa fala esteja ancorada na Palavra de Deus? Quatro textos bíblicos fazem parte da Liturgia, antes do momento da pregação. Como poderia alguém deixar passar a oportunidade de pregar um desses textos? Hoje, com a farta “mesa da Palavra” provida pela Série Trienal, pregar sem um texto específico (ou até mais de um) é praticamente um insulto. Entretanto, de nada adianta ter (ou ler) um texto e enveredar pelas “falsas três partes”, segundo aquela história espirituosa contada por alguém em referência a seu pastor: “A pregação de nosso pastor sempre tem três partes. Sim, três partes. A primeira parte: ele lê o texto bíblico. Depois vem a segunda parte. Nessa segunda parte, ele sai do texto. Por fim, a terceira parte: ele nunca volta ao texto!”

É claro que existe a possibilidade de pregar um sermão bíblico sem que se tenha um texto bíblico específico. (Assim como é possível falar algo que não seja bíblico ou evangélico, mesmo tendo-se um texto tirado da Bíblia.) No entanto, marcou-me profundamente um comentário feito por meu primeiro professor de Homilética, o Dr. Otto A. Goerl. Entreguei ao professor (como tarefa de aula) uma síntese de um capítulo do livro de John A. Broadus, *O Preparo e Entrega de*

*Sermões*. O capítulo intitula-se “As bases do sermão: o texto”. Ao final da primeira página, meu resumo diz: “Quanto a usar texto ou não, o pregador decida. Pode-se ter um texto e pregar um sermão não cristão; pode-se sem texto ter um sermão cristão”. Abaixo disto, ao pé da página, o Dr. Goerl anotou, com tinta vermelha e sublinhando uma palavra: “É aconselhável usar sempre um texto”.

Em se tratando de um texto mais longo (uma perícopes), é praticamente impossível pregar o texto todo. Sempre é importante lembrar que a exposição textual é apenas um fio dentre quatro. A pregação pode (precisa) ser expositiva, mas nem sempre será possível expor o texto na íntegra. Do contrário, havendo um texto breve, a pregação será breve; havendo um texto de 20 versículos, a pregação será interminável. Se o texto é mais longo, o pregador pode (precisa) olhar para o texto com “óculos homiléticos”, decidindo que parte poderá ou irá destacar. Feita a escolha, a exegese e meditação do texto terá de se concentrar no trecho selecionado. Esta delimitação do fio textual representa um grande desafio para exegetas ou pastores que gostam de fazer exegese detalhada, porque sempre estão propensos a explicar todos os detalhes do texto. Isso não será possível na pregação.

Um detalhe importante, mas nem sempre lembrado, é que, ao pregarmos, projetamos um modelo de como se interpreta a Bíblia. Em outras palavras, ensinamos *Hermenêutica* ou *Princípios de Interpretação Bíblica*. Se resistirmos à tentação de enveredar pela interpretação alegórica, ensinamos indiretamente que esse procedimento não representa uma leitura adequada da Bíblia. Se em determinado momento chamamos a atenção para o contexto histórico do texto, ensinamos (ainda que este não seja nosso objetivo maior) que é importante levar em conta os contextos de cada texto bíblico.

Pregar textos bíblicos é proclamar a revelação de Deus na história. Aos poucos, pela pregação, os ouvintes vão sendo formados na área do conhecimento bíblico e na articulação da teologia bíblica. Assim, a pregação forma testemunhas da obra de Deus.

O fio textual da pregação lembra que a Bíblia precisa ocupar um lugar de destaque no púlpito. Nada melhor do que pregar a partir da própria Bíblia, talvez com um exemplar da Bíblia em mãos. Não há como ser categórico, mas é bem possível que os ouvintes, por não nos verem com a Bíblia em mãos, também não se sentem estimulados a abrir o seu exemplar da Bíblia, para acompanhar a pregação. Mais do que qualquer outro papel (o mapa da pregação), o que mais deveria estar em evidência no púlpito é a própria Bíblia! (Faz diferença entre pregar a partir da

Bíblia como livro impresso e pregar a partir de um texto digitalizado, num Tablet ou celular? Este é um assunto que rende uma boa discussão. Em comunidades mais tradicionais, onde os membros estão, em sua maioria, próximos da assim chamada “melhor idade”, dificilmente um Tablet será reconhecido como um exemplar da Bíblia!)

### **O fio da confissão teológica**

O fio da confissão teológica é o elemento doutrinário que entra na pregação. Se o texto trata da “graça”, importante é esclarecer do que se trata. Se o foco é a pessoa de Cristo, será necessário inserir elementos da confissão cristológica. Se o texto destaca a “justificação pela fé”, essa será a oportunidade para explicar que se trata de uma metáfora forense ou judicial.

A teologia forma a moldura da pregação. Ajuda a colocar aquilo que se diz na pregação dentro do contexto de todo o plano de Deus. Cria também uma moldura para a vida cristã e forma o testemunho cristão, na medida em que ensina a falar de modo teológico. Em outras palavras, embora não seja este o propósito maior da pregação, ela fornece um modelo de investigação teológica. O pregador, na medida em que faz uma formulação doutrinária, ensina a seus ouvintes como expressamos a nossa fé, como damos resposta a perguntas inquietantes de nosso tempo, etc.

No entanto, por mais importante que seja o componente teológico, ele não precisa ser um resumo da Dogmática em todas as pregações. Em muitas pregações, o que se percebe é uma explicação do texto, no início, seguida de uma densa (e até certo ponto obscura) argumentação teológica. Os ouvintes têm muita dificuldade para acompanhar essa fala. Melhor mesmo é fazer o que deve ser feito com os demais (três) fios: diluir esse componente e apresentá-lo ao longo da pregação, sempre que possível (e necessário).

Desnecessário é dizer que este é um “campo minado” para pastores mais inclinados para a Teologia Sistemática. A tentação é fazer da pregação uma exposição doutrinária.

Sim, doutrina faz parte da pregação, mas é apenas um dos quatro fios. Melhor é pensar no fio teológico como a sólida moldura dentro da qual se desenrola a pregação. A situação menos ideal é a que aparece no seguinte episódio da vida real, em que um resumo doutrinário aparece como um corpo estranho dentro da pregação. Aconteceu nos tempos idos em que pastores de um mesmo distrito ou de uma pequena região se reuniam para estudos teológicos e discussão de

questões práticas do ministério. Era costume incluir nesses encontros um “exemplo de pregação”, para análise de todos os pastores ali reunidos. Assim, um dos pastores trazia uma pregação e a apresentava aos colegas. Em determinada ocasião, depois da pregação do pastor X, um colega fez a seguinte observação: “Caro colega X, senti falta da justificação pela fé”. Com isso, ele queria dizer que a pregação estava pendida para o lado da lei, e carecia de uma proclamação mais clara do evangelho da salvação. O que resultou dessa fala foi algo que não se pretendia. Conta-se que, a partir daquele momento, o pastor X, fosse qual fosse o tema da pregação, em determinado momento inseria o seguinte parágrafo: “E, meus irmãos, existe ainda a importante doutrina da justificação pela fé. A justificação é um ato forense, em que Deus, como juiz, nos absolve etc. etc.”

### **O fio da proclamação evangélica**

Este fio é, em linguagem mais tradicional, a presença da polaridade lei-evangelho na pregação. A lei é a santa vontade de Deus para os seres humanos. O evangelho é o anúncio daquilo que Deus fez, faz e ainda fará para dar às pessoas, por meio da fé, a integridade de Cristo, conseguida na cruz e na ressurreição. Saber o que é lei e saber o que é evangelho é fácil. Dizemos que até uma criança reconhece a diferença. Difícil mesmo é aplicar lei e evangelho no cuidado pastoral e na prática da pregação. Difícil mesmo é pregar a lei em todo o seu rigor, apunhalando o ouvinte e trazendo-lhe a morte. Mais fácil é afligir os ouvintes, deixando-os inquietos e talvez até mesmo estimulados a, daquele momento em diante, esforçar-se mais para alcançar o padrão da exigência divina. Quanto ao evangelho, há uma diferença entre explicar o evangelho e aplicar o evangelho. Há uma diferença entre dizer “Deus é amor” e dizer “Eu te absolvo”. Pregiar o evangelho é proclamar o perdão dos pecados com vistas à criação e manutenção da fé. Muito mais do que falar sobre os atributos de Deus cabe proclamar a ação de Deus. O fio evangélico faz com que a morte e ressurreição de Cristo sejam o centro dos ensinamentos e das experiências da pregação.

Uma pregação sem Cristo é como um jardim sem flor, disse Charles Spurgeon.

Um desafio especial (que é também um considerável auxílio) ao pregador é o fato de que a Bíblia apresenta uma rica variedade de formulações do evangelho. O anúncio da lei é em grande parte estereotipado ou repetitivo; a proclamação do evangelho aparece em formas variadas na

Escritura. (Para maiores detalhes e para fins de comparação, sugere-se examinar um dos apêndices da obra de Richard Caemmerer, *Pregando em Nome da Igreja*.)

Outra armadilha perigosa é pensar que lei e evangelho devem determinar a estrutura da pregação. É mais ou menos óbvio que, à luz da teologia luterana, a sequência correta é lei e evangelho (e não evangelho e lei). Mas essa sequência não é determinante para a forma da pregação, como se cada pregação tivesse que ter sempre uma primeira parte de lei e uma segunda parte de evangelho. Ou, então, uma sequência de lei (no segundo uso, isto é, como lei que mata), evangelho, e lei (no terceiro uso, como norma ou orientação de vida). Nem seria necessário dizer que uma pregação recorrente nesses moldes se tornaria totalmente previsível. O ideal é que lei e evangelho apareçam em vários momentos ao longo da pregação.

O ato de pregar a lei de Deus não deveria automaticamente ser caracterizado como legalismo. Afinal, a lei é santa (Rm 7). É a lei de Deus. Uma pregação se torna “legalista” quando (além de apenas “fazer cócegas” no ouvinte, em vez de “matá-lo”) o pregador anuncia a lei e abandona o ouvinte. Este, reconhecendo que não conseguiu atingir o alvo, decide que “de agora em diante vou ser mais disciplinado e, então sim, cumprirei o que Deus exige de mim”. A pregação é evangélica quando segue o padrão da pregação de Pedro no Pentecostes: “Vocês crucificaram Jesus. Deus o ressuscitou e o fez Senhor e Cristo.

Arrependam-se e recebam a remissão dos seus pecados. Esta promessa é para vocês”.

O caráter evangélico da pregação não é necessariamente uma questão de evangelho em quantidade, mas evangelho em termos de qualidade (ênfase e impacto). Um exame mais atento das pregações de Lutero mostra isso. Um momento marcante de evangelho (nos moldes de um “eu te absolvo”) depois de um diagnóstico penetrante da lei é melhor do que um sermão meloso do começo ao fim.

Cabe ousar um final de pregação em tom de evangelho! Muitos pregadores não conseguem terminar a pregação sem o clássico “dever de casa”: “Diante disto, irmãos e irmãs, cabe a nós...”. Fazendo uso da metáfora da câmera, pode-se dizer que sempre que a câmera estiver voltada para os ouvintes a pregação será lei; para que se ouça o evangelho, a câmera deverá estar voltada para cima, ou, então, para a cruz de Cristo. Quando o assunto da pregação é “a maravilhosa igreja que somos”, dificilmente se ouvirá o evangelho.

## O fio da interpretação do ouvinte

Este quarto fio vem como surpresa, porque não se espera que o ouvinte faça parte da pregação. Afinal, prega-se *para* o ouvinte. No entanto, ao pregar, projetamos um modelo de ouvinte. Destaco alguns pontos do ensaio de David Schmitt: O fio da interpretação do ouvinte descreve e interpreta a experiência de vida dos ouvintes de hoje. Dizemos não à brincadeira do “vamos fazer de conta”; afinal, não somos os fariseus do tempo de Jesus e nenhum dos ouvintes é a mulher pecadora que foi até Jesus. Queremos que os nossos ouvintes se enxerguem assim como Deus os vê. O fio da interpretação do ouvinte revela como as pessoas são relevantes para Deus (e não como Deus é relevante para as pessoas).

Este fio identifica o santo povo de Deus (na vida normal). Forma o povo de Deus, confessando a variedade e complexidade da vida cristã. Dá aos ouvintes uma visão do corpo de Cristo, superando o individualismo (dentro da igreja, “eu e Jesus”; fora da igreja, “eu contra o mundo”).

Na elaboração da pregação, esta é provavelmente a parte mais desafiadora. Quem será meu “ouvinte modelo”? Não posso idealizá-lo (a “família cristã perfeita”), mas também não posso ignorar que “são batizados”. A pregação reflete nossa condição de “ao mesmo tempo justo e pecador” (*simul iustus et peccator*).

## A arte da pregação

Levar em conta os quatro fios da pregação requer do pregador que ele determine que parte da perícopes fornecerá o texto da pregação, que ensino (doutrinário) específico se conecta com a ênfase do texto (o tema), qual será a dinâmica de lei-evangelho, que aspectos específicos da vida do povo de Deus serão interpretados. Definir de forma intencional e concreta o que se quer fazer evita que se caia na pregação genérica (muda o texto, mas a pregação é sempre a mesma) ou na especificidade monótona.

Considerar os quatro fios evita tendências isolacionistas do tipo “fazer exposição”, “pregar lei e evangelho”, “reencenar o texto”. A pregação é um entrelaçado dos quatro fios. O movimento da pregação é determinado pelo texto ou, melhor ainda, pelo tema da pregação. Jamais se deveria pensar que fio textual, fio teológico, dinâmica lei-evangelho e interpretação do

ouvinte constituem a estrutura da pregação, devendo aparecer sempre nesta sequência. O estereótipo negativo desse modelo seria o seguinte: uma historinha interessante de nossos dias para o início da pregação, uma rápida referência ao texto bíblico, a citação de uma doutrina e o anúncio de João 3.16. Tudo isso como quatro compartimentos separados, sem qualquer conexão! Pregador não é isto. A pregação precisa levar em conta aspectos formais, como unidade, coerência, etc. Os quatro fios se relacionam com o conteúdo da pregação; eles não determinam a forma.

Os fios são quatro, mas isso não significa que o todo da pregação será dividido por quatro. Em determinados momentos, com certos textos e com um público específico, um ou outro fio tende a predominar. Se houvesse uma situação em que fosse possível ter apenas um dos quatro fios, a preferência deveria ser dada ao fio textual. É preferível ser textual (e bíblico) a ser contextual (e moderno). (C. S. Lewis escreveu: “Nossa tarefa é apresentar aquilo que é atemporal (o mesmo ontem, hoje e no futuro) na linguagem específica de nosso tempo. O mau pregador faz exatamente o contrário: toma as ideias de seu tempo e as enfeita com a linguagem tradicional do cristianismo”. Esta afirmação tem muito a ver com a assim-chamada “teologia moderna”. À primeira vista, ela se propõe a falar as verdades eternas em linguagem moderna. No entanto, um exame mais atento revela que essa observação é equivocada. As ideias de nosso tempo – ideologias, o que resiste ao crivo da razão, etc. – acabam sendo apresentadas em roupagem teológica.)

A importância de ter quatro fios em vez de apenas três pode ser ilustrada com a diferença entre um laço de três tentos (ou uma trança com três mechas de cabelo) e um laço de quatro tentos (ou uma trança com quatro mechas): um fica achatado, o outro fica bem redondo.

#### IV

### **Um ensaio relacionado com o conteúdo da pregação**

Uma constatação que se faz, tanto com pregadores iniciantes quanto com pregadores já calejados, é que o estudo e a meditação do texto bíblico nem sempre está à altura do que uma boa pregação requer. Em muitos momentos, o que se vê é uma referência mais ou menos protocolar, uma típica “raspada no texto”, e não tanto um estudo mais aprofundado. A pergunta que cabe fazer é: Como dizer que pregamos a palavra de Deus se pouco da Palavra de Deus (a Bíblia) aparece em nossa pregação? Isto não significa sugerir que apenas será “palavra de Deus” se for tirado textualmente da Bíblia. No entanto, em muitos momentos, passa-se a impressão de que a fala do pregador sempre tem preferência em relação aos detalhes do texto bíblico. Preciso abreviar o texto bíblico porque tenho tanta coisa importante a dizer! Diante disto, importa repetir o incentivo a que se comece a preparação de uma pregação com o devido estudo do texto. Há até mesmo uma constatação, feita por um estudioso alemão que se debruçou sobre um vasto corpus de pregações, de que a pregação legalista resulta de uma falsificação do significado do texto bíblico. Outro estudioso (James S. Stewart) afirmou que “cada texto bíblico é o começo de uma Estrada que conduz a Cristo”. Ou seja, qualquer que seja o texto, a pregação do evangelho é possível – e indispensável.

Felizmente, em nossos dias, não é mais necessário semanalmente “sair à cata” de um texto para pregar. Esta era, em grande parte, a realidade quando nós, jovens pastores da minha geração, começamos a pregar. A antiga Série Histórica de perícopes não era satisfatória em termos de textos de pregação. Líamos as perícopes tradicionais na igreja, mas geralmente pregávamos sobre outro texto, sem relação com as leituras do dia. (A impressão que se tinha é que a leitura da epístola e a leitura do evangelho – não havia uma leitura do AT – não “se falavam”.) Hoje, com a Série Trienal, a seleção dos textos é excelente, pelo menos duas leituras (das quatro assinaladas para cada dia ou domingo) têm algum ponto de contato, e os formuladores da série levaram em conta o potencial querigmático de cada leitura. Ou seja, fica implícito que cada uma dessas leituras é adequada para a proclamação do evangelho.

## **Rápido exame dos textos**

Recomenda-se uma leitura rápida das perícopes do dia. Há quem recomende um resumo de cada uma delas em uma frase. Isto nem sempre é fácil e pode ser algo tão unilateral ou parcial quando colocar um título de seção numa tradução bíblica. Mais fácil (e talvez mais recomendado) é ler os textos tendo em mente as possíveis ênfases do período litúrgico. Na Série Trienal, há maior possibilidade de um resultado positivo (em termos de pontos de contato) quando se colocam lado a lado a leitura do Evangelho e a leitura do Antigo Testamento. Caso já houver um texto preferencial (algo como a opção de pregar as epístolas naquele ano), é recomendável ficar atento a algum elemento que chama a atenção e que, visto com óculos homiléticos, parece algo que valeria à pena levar ao púlpito. É possível fazer a exegese detalhada de todo o texto. No entanto, um cenário mais realista (as diferentes demandas do ofício pastoral) sugere que se tenha logo um foco homilético. Isto significa que o pregador decide bem cedo que parte do texto receberá destaque na pregação, passando então a concentrar nisso os seus esforços exegéticos.

Nada substitui a meditação do texto, em espírito de reverência e oração. Mesmo havendo um enfoque homilético (pregar aos outros), o pregador deveria em primeiro lugar ler o texto como sendo dirigido a ele pessoalmente.

## **Três movimentos**

A exegese de um texto bíblico pode ser dividida em três etapas, conforme as metáforas de “rosto do texto”, “pés do texto” e “pulso do texto”. O rosto é aquilo que se vê no texto delimitado; os pés tratam da localização do texto (aquilo que está em volta dele); o pulso é o exame dos sinais vitais (como o texto me fere, como ele me dá vida, etc. É o texto que me lê).

## **O rosto do texto**

Percebe-se no contexto da Igreja Luterana a tendência louvável de tomar como texto de pregação uma perícopa inteira. Em outras palavras, é mais raro ver um pregador destacar um versículo específico. Como numa recente revisão da Série Trienal houve um esforço no sentido

adicionar mais texto às perícopes selecionadas (sim, determinadas perícopes acabaram “crescendo” um pouco, o que é bom), nada impede que se tome apenas uma parte da perícopes como texto de pregação. Mas sempre é preferível tomar um parágrafo a tomar um versículo isolado. (Como os números de capítulos e versículos foram acrescentados ao texto bíblico muito tempo depois, é bom seguir o conselho de um professor de exegese, que afirmou que a primeira coisa que ele faz é dizer aos alunos: Risquem os números!)

Assim, uma das primeiras coisas a fazer é verificar se o rosto do texto está bem enquadrado na fotografia que nos foi entregue. Em outras palavras, cabe perguntar se temos um bom recorte. Nada impede que o pregador amplie a perícopes, caso julgar necessário.

Isto se aplica especialmente na passagem de um domingo ao outro. Como em determinadas épocas do ano, especialmente no pós-Pentecostes, as perícopes do Evangelho e das Epístolas aparecem em leitura semicontínua, nada impede que, na pregação, se faça referência àquilo que a Série Trienal omitiu. Um exemplo é a Carta aos Romanos, que está prevista em nada menos do que 17 domingos consecutivos no Ano A (desde o Próprio 3 até o Próprio 19)! No entanto, a carta não é lida na íntegra. Na passagem do Próprio 3 (Rm 1.8-7) ao Próprio 4 (Rm 3.21-28), acabou sendo omitido um trecho que vai de Rm 1.18 a 3.20. O contraste que aparece no início do Próprio 4 (“Mas agora, sem lei, a justiça de Deus se manifestou”) requer que se leve em conta esse trecho que a Série Trienal omitiu.

Na exegese bíblica, um passo importante é a determinação do gênero literário, especialmente a distinção entre prosa e poesia. Isto é particularmente importante no caso do Antigo Testamento (onde se localiza a maior parte da poesia bíblica). Mas não basta constatar que um texto é poesia; é preciso respeitar essa constatação. Raramente se ouve um pregador dizer: “Este é um texto poético”. (Cabe acrescentar que um texto poético não é menos verdadeiro do que um texto em prosa; é apenas uma verdade expressa em forma de poesia.)

Comum em alguns círculos (mas, felizmente, bem raro em círculos luteranos) é a prática de “pregar palavras” ou conceitos bíblicos. No entanto, a Bíblia não nos foi dada na forma de palavras isoladas; ela é feita de textos. Assim, na leitura e exegese começamos com as partes (as palavras), mas não perdemos de vista o todo (o texto completo). Há uma significativa diferença entre estudar as palavras de um texto e estudar um texto! Como um time de futebol é mais do que 11 jogadores em campo, um texto é mais do que a soma das palavras.

No mundo real, raros são os pregadores que têm condições de ler um texto do Antigo

Testamento no original hebraico ou um texto do Novo Testamento no original grego. (Dessas línguas, a primeira que se esvai é o hebraico...) No entanto, ninguém deveria deixar escorrer pelos dedos algo que foi conseguido com tanto esforço. Uma perícopes de grego ou hebraico por semana não deveria ser um fardo! Mas, no mundo real, é bem mais provável que estaremos trabalhando com traduções. As traduções são como fotos em preto e branco. (Afirma-se que fotos em preto e branco são mais nítidas do que fotos em cor, tanto assim que fotos artísticas são sempre fotos em preto e branco. Pode-se transferir isto para as traduções bíblicas: elas tendem a dar nitidez a textos que, no original, são mais desfocados. Sim, os textos bíblicos tendem a ser mais unívocos ao serem traduzidos. Até por isto, ou seja, para ver o rosto como ele de fato é, vale o esforço de encarar o texto no original.)

Mesmo que alguém seja “defensor juramentado” desta ou daquela tradução, uma postura mais equilibrada é ser “ortodoxo, mas aberto ao diálogo”. Recomenda-se ler o texto em várias traduções. No mínimo, cabe o exame de uma tradução diferente, para sair do trilho batido. Em geral, faz-se uso de uma tradução mais dinâmica (NTLH ou NVI) para entender um texto mais complicado numa tradução formal (Almeida). No entanto, tão ou mais importante é fazer o caminho inverso: entender a tradução dinâmica à luz do original (ou, na falta deste, da tradução tradicional). Um exemplo é a promessa de Jesus em João 8.51: “Se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente”. Como “guardar a palavra de Jesus” poderia sugerir algo como “esconder a palavra” ou “proteger a palavra”, a NTLH traduz isso por “quem obedecer aos meus ensinamentos não morrerá nunca”. “Obedecer”, um verbo que os tradutores da NTLH gostam de usar, é uma forma de guardar. E “ensinamentos” é mais ou menos o equivalente a “palavra”. Mas “guardar” é mais do que obedecer, e “ensinamentos” facilmente sugere “mandamentos”. Assim, numa leitura rápida, alguém dirá que Jesus está falando sobre cumprir os seus mandamentos. E o pregador acabará tendo que discordar de Jesus, porque o cumprimento de mandamentos não leva à vida! Assim, “obedecer aos meus ensinamentos” precisa ser entendido à luz de “guardar a palavra”. E “guardar a palavra” (ver também Jo 8.31) é, antes de tudo, “crer nas promessas de Jesus”.

## **Os pés do texto**

Depois do exame da foto ou do quadro, passa-se às fotos ou aos quadros que estão ao lado do rosto retratado (a perícope). Aqui entra o contexto literário (em especial o que aparece antes), o pano de fundo da foto (história e cultura), aquilo que a fotografia não conseguiu captar (tudo o que está implícito no contexto comunicacional). Por fim, é importante levar em conta o álbum de fotografias como um todo (o contexto bíblico mais amplo).

No entanto, nada disso pode tomar o lugar do estudo (e da proclamação) do trecho que é o texto da pregação. Pregação não é aula de Isagoge (Introdução à Bíblia) ou palestra sobre a teologia da Carta aos Romanos. Há momentos em que se percebe que o pregador fica “cercando o toco”, ou seja, andando em volta do texto, sem nunca chegar diretamente a ele. Se temos um texto, fiquemos com o texto. Mas, nunca é demais repetir, o texto bíblico entra na pregação, mas não é toda a pregação.

## **O que mais olhar enquanto se medita o texto: fio teológico e tema**

Como a pregação terá um fio teológico (ou doutrinário), enquanto se lê e relê o texto é bom verificar que tema(s) doutrinário(s) aparece(m). Se a perícope é um dos milagres de Jesus, será indispensável ter clareza quanto ao papel dos milagres no ministério de Jesus. Se o texto bíblico focaliza o Reino de Deus, talvez seja necessário enfatizar que o Reino tem muito mais a ver com o Rei (a cabeça da Igreja) do que com o povo desse Reino. Apontar para a diferença (e, ao mesmo tempo, as conexões) entre Reino e Igreja pode ser um tema doutrinário fundamental a ser incluído. (Do Reino, por exemplo, nunca se diz que é edificado. Cristo não pode ser edificado...) Se o texto é Rm 8.28-39, e o pregador decide começar pelo versículo 29 (“aqueles que Deus de antemão conheceu ele também predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”), uma releitura do Artigo XI da Fórmula de Concórdia é praticamente indispensável.

Como a meditação do texto se dá com vistas à pregação, o intérprete nunca deveria tirar seus “óculos homiléticos”. Isto significa que, desde cedo, deveria começar a pensar num tema (ou assunto) da pregação. Nada melhor do que descobrir algo interessante ou nunca visto no texto. Surpreso com a descoberta, o pregador só poderá dizer: “Isto é algo que preciso compartilhar com os meus ouvintes”. Por outro lado, se nós mesmos não nos empolgamos com o texto da

pregação, como esperar que os ouvintes fiquem empolgados?

Nessa reflexão com vistas a um tema, nada melhor do que respeitar a especificidade do texto. O frescor da pregação resulta em boa parte da atenção dada ao que é específico num texto. Assim, cabe a todo custo fugir da tentação de comprar um “liquidificador homilético”, em que, pouco importando a ordem em que os itens são inseridos (leite, banana e mamão ou banana, mamão e leite), o que resulta é sempre o mesmo caldo. Se o destaque do texto é o “mamão”, cabe preservar essa ênfase. Como criatividade é um bom alvo a ser atingido, nunca é demais relembrar que criatividade é essencialmente colocar as coisas antigas numa nova combinação.

### **A persuasão passa pela definição do objetivo**

Pregar é muito mais do que falar. Por isso, em vez de dizer “Preciso falar”, o certo seria dizer “Preciso persuadir”. A pregação precisa ter movimento. A pergunta a ser feita é: Para onde quero levar os meus ouvintes? Neste particular, nada melhor do que estudar o livro de Richard Caemmerer (*Pregando em nome da Igreja*). De forma resumida, pode-se dizer que existem basicamente dois objetivos que se pode ter em vista: objetivo de fé e objetivo de vida. O objetivo de fé corresponde ao seguinte pensamento: “Quero que meus ouvintes sejam despertados (e/ou fortalecidos) na fé em Cristo, que é a fé no Deus verdadeiro”. Um objetivo de vida tem a ver com aspectos da vida cristã. Sendo um ou outro o objetivo, a pregação nunca poderá deixar de ser pregação do evangelho. (Isto precisa ser dito, porque, do contrário, alguém poderá pensar que, se o objetivo é de vida, estou autorizado a me limitar à lei em seu terceiro uso, a lei como norma.) Que objetivo devo escolher? Isto dependerá, em boa parte do tema da pregação, que, por sua vez, deriva desta ou daquela ênfase do texto bíblico.

Richard Caemmerer nos ensinou a falar sobre “objetivo” (*goal*), “moléstia” (*malady*) e “meio” (*means*). A moléstia é o que impede o ouvinte de atingir o objetivo. (Aqui se faz necessário diagnosticar não apenas os sintomas superficiais, mas ir à raiz do problema. Um diagnóstico genérico é inadequado. Há uma diferença entre dizer “nem sempre, ó Deus, cumprimos a tua vontade” e dizer “eu pobre e miserável pecador”!) O meio é a mensagem específica do evangelho, que pode tirar o ouvinte da moléstia e movê-lo na direção do objetivo.

Não custa chamar a atenção para o fato de que esse planejamento da persuasão em termos de “objetivo” – “moléstia” – “meio” (que também não deveria nunca determinar a estrutura da

pregação) focaliza o ouvinte da pregação. Ao preparar a pregação, prego para mim. Ao falar no púlpito, prego para a igreja. E, como nos ensina a teoria da comunicação, quem define o “gabarito” (a linguagem e o enfoque) da comunicação é o ouvinte. Falar sobre este ou aquele cantor de rap, que acaba de falecer, pode significar pouco numa igreja em que a maioria das pessoas tem mais de 60 anos. Um exemplo clássico de pregação descontextualizada é a fala a respeito da importância da castidade – num asilo de vovozinhas. Outro exemplo clássico é a seguinte introdução de uma pregação feita (em outra época) a pessoas simples que trabalhavam no setor de limpeza, numa universidade britânica: “O argumento ontológico da existência de Deus foi, nos últimos anos, em grande parte sob influência teutônica, relegado a uma posição de relativa inferioridade no arsenal da apologética cristã”.

### **Lei e evangelho**

Outro fio (o terceiro, mas não em ordem de inclusão ou de importância) é a articulação de lei-evangelho. Isso deveria brotar do texto bíblico que será pregado. Uma regra simples é esta: se você ainda não tem o evangelho, tenha certeza de que tudo que tem é lei. Mas há textos decididamente evangélicos. Neste caso, cabe perguntar que verbalização da lei contrasta com esse evangelho. Como a tarefa é pregar lei e evangelho, com destaque para o evangelho, se um desses elementos (ou lei, ou evangelho) não fizer parte do texto da pregação, ele terá de ser “importado” de outro lugar. Se o texto é primordialmente evangelho, cabe verificar qual é a moléstia que o texto cura. Um problema recorrente em pregações é receitar o remédio errado para o mal que foi diagnosticado. (Isso se dá quando o pregador é adepto da técnica de, em determinado momento da fala, apertar uma tecla imaginária e soltar a surrada verbalização do evangelho, mais ou menos nestes termos: “Mas Jesus morreu pelos nossos pecados...”). Se a nossa moléstia é falta de poder, a solução apresentada não poderia ser o sacrifício de Cristo pelos nossos pecados.

Provavelmente terá de ser o socorro do Espírito Santo em nossa fraqueza. No final do livro de Caemmerer, num Apêndice, há uma tabela de correspondência lei-evangelho. Destaca-se a maior variedade de formulações do evangelho (em comparação com o caráter “pouco criativo” da lei). E, não custa repetir, a dinâmica lei-evangelho não deve determinar a estrutura da pregação. Melhor é ter essa dinâmica em vários momentos da pregação.

Um pregador nunca é apenas um pregador de textos, mas pregador do evangelho. Assim, não existe a possibilidade de alguém dizer: “Hoje o texto é lei. Os ouvintes que me perdoem, mas hoje o Sinai vai fumegar!” Disse alguém que em cada texto bíblico há um caminho que leva a Cristo.

### **Um exercício com Filipenses 2.5-11**

Para fins de ilustração, opto por um “estudo sermônico” (bem sucinto) de Fp 2.5-11.

A Série Trienal coloca esse texto como leitura de epístola no Domingo da Paixão ou Domingo de Ramos. E isso nos três anos da Trienal (Anos A, B, C). Deve ser um texto importante. Por que foi colocado ali?

O Domingo de Ramos ou Domingo da Paixão, que é o domingo que abre a Semana Santa, tem hoje a sua ambiguidade. É Ramos (“a entrada de Jesus em Jerusalém”) ou é Paixão (com ênfase no início do sofrimento de Cristo)? Poderia ser as duas coisas. Mas a Série Trienal permite opções, especialmente no Salmo e no Evangelho. Neste estudo, tomaremos as perícopes do Ano C, o ano de Lucas. “Cabeça de chave” (isto é, a leitura que até certo ponto “comanda” as demais) é sempre o Evangelho. Neste caso, é Lc 22.1—23.56 (a narrativa da Paixão por extenso) ou Lc 23.1-56 (a parte final da Narrativa da Paixão em Lucas). A intenção dos formuladores da Série Trienal é que se comece a Semana Santa com a Narrativa da Paixão de Cristo nos ouvidos. (Na Sexta-Feira Santa é lida sempre a narrativa segundo São João.) Existe ainda a opção de Jo 12.20-43, que foi inserida na recente revisão feita na Igreja Luterana (LCMS) dos Estados Unidos. O Salmo do domingo pode ser Sl 118.19-29 ou Sl 31.9-16. A leitura do Antigo Testamento é Dt 32.36-39.

Nisto se encaixa a epístola de Filipenses 2.5-11. Segundo a dinâmica da Série Trienal, neste ciclo específico do ano litúrgico (o assim-chamado *semester Domini* = “semestre do Senhor”), a epístola foi escolhida para ter alguma relação com a temática própria do período litúrgico. Ou seja, Fp 2.5-11 vem com a promessa de estar tematicamente relacionado com as demais leituras. É uma leitura própria para o começo da Semana Santa. Em que sentido? Isso ainda terá de ser visto.

## O rosto do texto

Ao olharmos rapidamente para o rosto do texto, desse recorte que nos foi entregue, vemos que a edição grega de Nestle-Aland (seguida por NTLH e NAA) traz 2.5-11 como um bloco à parte. Já o Novo Testamento Grego (edição SBB), que insere títulos de seção (“A humilhação e exaltação de Cristo”), deixa num mesmo bloco um trecho mais longo, a saber, Fp 2.1-11. Isto vem como um importante lembrete: o texto não começa propriamente no versículo 5.

Ainda em termos de “rosto”, surge a questão do gênero literário desse texto. É prosa ou poesia? Sabemos que a poesia aparece minimamente no Novo Testamento. Mas isto não significa que ela não exista, mesmo que, no mais das vezes, seja o que se pode chamar de “prosa poética”. A edição Nestle-Aland imprime o texto grego num formato poético (com linhas de diferentes comprimentos), no que é seguida pela NTLH. Isto deve ser reflexo da tese ou teoria de que Fp 2.5-11 é um hino cristão, talvez até mesmo algo pré-Paulino. (Alguém até escreveu um ensaio sobre “As contribuições dos filipenses a Paulo”, dizendo que eles não apenas fizeram contribuição financeira, mas também forneceram alguns textos, como, por exemplo, esse hino que Paulo cita e edita! Mais uma tese.) O Novo Testamento Grego, por sua vez, imprime como prosa. A Nova Almeida Atualizada faz o mesmo. Seria esta apenas uma questão estética? Não. Se o texto é poético (ou levemente poético), não poderá ser lido como se tivesse a precisão do Credo Niceno. Também teremos de estar abertos à possibilidade de encontrar alguma repetição (o típico paralelismo da poesia bíblica). Sou simpático à tese de que existem traços poéticos nessa passagem.

Fp 2.5-11, especialmente na sua primeira parte, é um texto recheado de termos complicados (*morphē* e *schēma* para “forma”; *harpagmós*, traduzido por “usurpação”, mas podendo significar “rapina”; o verbo *kenóo*, “esvaziar”, que deu origem à discussão sobre quenoticismo). Em resumo, é um texto amplamente discutido, em que nem tudo está absolutamente claro. Mas é um clássico da cristologia. No entanto, mesmo sendo um texto complexo, existem as famosas “ortodoxias interpretativas” ou os “comentários da exegese pronta”. Como se expressou alguém, os ossos exegéticos são apenas transferidos de um túmulo ao outro. Um exegeta repete o que outro escreveu. Luteranos deveriam ficar atentos, porque essas “exegeses prontas” são em sua maioria leituras de teólogos reformados.

Uma questão fundamental é definir de quem esse texto está falando? Está escrito com todas

as letras que é “Cristo Jesus” (v. 5). Mas em geral se lê isso como referência ao Filho de Deus que estaria por encarnar. (Paulo não costuma referir-se ao Filho de Deus que iria encarnar em termos de “Cristo Jesus”. Ele se refere a ele como “Filho”. Veja-se Gl 4.4. A passagem em que Paulo mais se aproxima de algo assim é 1Tm 1.15.) Assim, a exegese luterana insiste em dizer que Fp 2.5-11 fala, do começo ao fim, do Filho já encarnado.

Outro desafio que esse texto apresenta é a interpretação das várias (três) orações com participio, no versículo 7 (“forma de servo *tomando*”, “em semelhança de homens *tornando-se / tendo-se tornado*”, “quanto à forma, *encontrado* como homem”). É neste ponto que se percebe como as “fotos em preto e branco” (as traduções) dão um contorno definido ao texto, que, no original (em cores), é bem menos definido. O biblista luterano Joachim Jeremias defendeu uma organização textual diferente, em duas estrofes:

- I 1 O qual subsistindo em forma de Deus  
 2 não considerou usurpação o ser igual a Deus,  
 3 mas a si mesmo esvaziou  
 4 tomando a forma de servo.
- II 1 Em semelhança de homens tendo-se tornado  
 2 e quanto à aparência encontrado como homem  
 3 a si mesmo humilhou  
 4 tornando-se obediente até a morte ...

Percebe-se que Cristo Jesus (já encarnado), subsistindo em forma de Deus e sendo igual a Deus, esvaziou-se e tomou a forma de servo. Ou seja, o esvaziar-se não tem nada a ver com a encarnação. A encarnação é vista como fato passado: tendo-se tornado em semelhança de seres humanos. E, por ter características poéticas, humilhar-se e esvaziar-se são formas diferentes de falar do mesmo processo.

Mesmo correndo o risco de antecipar algo que deveria ficar para depois, cabe indicar que, segundo esta leitura, o texto de Fp 2.5-11 cabe muito bem no início da Semana Santa. Tenho minhas dúvidas se esse texto estaria ali, caso a Série Trienal tivesse sido elaborada originalmente por teólogos reformados, e não por teólogos católicos. (A exegese católica e a exegese luterana de Fp 2.5-11 é essencialmente a mesma.) Pelo que se vê em muitas exegeses de cunho

reformado, Fp 2.5-11 poderia ser colocado na semana do Natal. Católicos e luteranos nunca fariam isso! É claro que, mesmo na leitura reformada, a referência à morte de cruz aproxima Filipenses 2 da Semana Santa.

## **Os pés do texto de Filipenses 2**

Quanto aos pés do texto (isto é, os diferentes contextos), é importante considerar o contexto literário anterior (Fp 2.1-4). No entanto, Fp 2.5-11 costuma ser visto como um texto mais independente. O pregador precisa ficar atento: não é dia de enfatizar a humildade cristã como reflexo da humilhação de Cristo. Afinal, estamos na abertura da Semana Santa.

Sendo um texto essencialmente teológico, não há muito a dizer em termos de contexto histórico e cultural. Mas existe um contexto teológico a ser levado em conta. Parece claro que Fp 2.5-11 é texto cristológico (relacionado com a pessoa de Cristo). Não aparece uma soteriologia. Ou seja, o texto não responde a pergunta quanto à razão da cruz. Mas isto aparece em outros lugares, e precisa ser “importado” pelo pregador. Para referências cruzadas, a edição de Nestle-Aland é um recurso muito valioso. Três textos de Hebreus aparecem à margem do Nestle-Aland: Hb 2.9; 5.8; 12.2. Destas, a passagem de Hb 2.9 parece a mais promissora.

## **O fio teológico**

Fp 2.5-11 é um texto da cristologia, e o fio teológico certamente terá de ser algo relacionado com a humilhação de Cristo, cujo ponto alto é a morte de cruz. A importância da humildade na vida do cristão é um tema estranho, considerando-se o contexto litúrgico. Ou seja, o foco não deveria ser Cristo como modelo de humildade para o crente. (Lembro que ouvi, certa vez, para minha surpresa, uma pregação com esta ênfase. No Domingo da Paixão de Cristo?) Isto pode significar que o típico “nós na foto” (a interpretação do ouvinte) não terá grande destaque nesta pregação. A Semana Santa é, de fato, um tempo de contemplação. Popularmente, na Semana Santa as pessoas querem imitar Jesus em seu “sacrifício”. A pregação terá de dizer: É tempo de “olhar firmemente para o Autor e Consumador da fé” (Hb 12.2).

## **Pensando na persuasão e num tema**

Um texto como Fp 2.5-11, que descreve a trajetória de Cristo, automaticamente sugere um objetivo de fé. No entanto, se ficarmos sob o impacto do versículo 5 (“tenham o mesmo modo de pensar”) e Cristo for nosso modelo de humildade, teremos um enfoque de lei. A câmera estaria voltada para nós. É necessário, no entanto, que a câmera esteja voltada para Jesus. Como o texto não é diretamente soteriológico, esse elemento terá de ser trazido de outros textos, como já foi indicado.

A formatação de um tema é algo bastante pessoal, porque cada pregador é cada qual. Como o texto convida a termos o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus, o pregador poderia dizer que, ao ser lido no Domingo da Paixão, o melhor mesmo é que “Conservemos os olhos fixos em Jesus”. A partir deste tema, a pregação poderá ter vários movimentos (ou “partes”). Com os olhos fixos em Jesus, veremos a sua mais profunda humilhação – em nosso lugar e a nosso favor. Com os olhos fixos em Jesus, veremos a sua exaltação, que nos leva a dobrar os joelhos e a confessar que ele é Senhor.

## V

**Como vou organizar o que tenho a dizer?  
(Tema e movimentos da pregação)**

Neste ponto, o mestre da Homilética clássica é J. Michael Reu. A obra dele é do início do século 20. É um manual antigo, mas quem disse que por ser algo antigo é automaticamente antiquado?

Organizar a fala corresponde ao que na retórica clássica (greco-romana) era chamado de *inventio* (“invenção”, a busca de argumentos) e *dispositio* (“disposição”, a organização desses argumentos). A experiência mostra que esse processo de organização do que se quer dizer é mais difícil do que se imagina. Mas ter uma fala bem estruturada é de fundamental importância. Ajuda o pregador, e facilita a vida dos ouvintes. Como regra geral, pode-se dizer que, se o pregador tem problemas para reproduzir o que planejou dizer (porque a estrutura é confusa), como esperar que os ouvintes guardem algo do que ele falou?

**Fala que é una, completa, ordenada**

Uma boa pregação desenvolve um só tópico, mesmo que isso aconteça de forma orgânica, ou seja, com ramificações. A pregação pode incorporar pontos que poderiam ser chamados de subsidiários. No entanto, precisam ter alguma conexão com o tema. Por exemplo, se o texto é uma parte da Oração Sacerdotal de Jesus (João 17) em que se focalize a unidade do corpo de Cristo, inserir algo relacionado com a Grande Comissão (a evangelização dos povos) pode ser um afastamento do tema (a menos que seja conectado com o v. 20: “por meio da palavra que eles falarem”). A pregação com mais de um tema é o típico “sermão dois em um”.

Além do tema único, a boa pregação é completa. Isto significa que ela tem começo, meio e fim. A pregação não precisa trazer, naquele momento, tudo que se tem a dizer como pregador cristão, mas é fundamental que ela seja completa em relação ao tema e texto da pregação.

Tomando a metáfora da viagem, é preciso sair, viajar e chegar.

A terceira característica de uma boa pregação é “ordem”. Essa ordem pode levar em conta “leis pedagógicas” (como se ensina) ou “leis retóricas” (como se persuade). Na verdade, toda e qualquer fala implica uma sequência (a menos que o orador pare de falar). Assim, toda pregação

acabará tendo uma ordem, mesmo que se aproxime mais do que parece ser uma “falta de ordem”. Para evitar isso, cumpre ter uma ordem planejada. Isto facilita a vida de quem fala e ajuda o ouvinte a acompanhar a pregação. Um sermão que não foi planejado (isto é, que não tem uma boa ordem) não será fácil de ser pregado “de ouvido”.

### **Forma no passado**

Historicamente, pelo menos em parte da Idade Média e em especial a partir do século 17, triunfou o modelo silogístico (ou dedutivo): tema e três partes. As três partes tinham até um simbolismo relacionado com a Trindade. Duas partes pode ser preferível a três partes, mas três possivelmente é melhor do que quatro, cinco, etc., na medida em que impede que a pregação se estenda além do que é razoável. Sempre ainda haverá algo a dizer sobre todo e qualquer assunto ou tema. Ou seja, esgotar um assunto é quase impossível.

Assim, tão logo possível, isto é, tendo completado a fala que tinha planejado, o pregador deveria concluir a pregação. (Como o alvo é “pregar de ouvido”, o ideal é planejar um mapa de viagem mais breve. Acontece que, na viagem, isto é, na hora de pregar, a fala tende a ficar mais longa.)

### **O tema da pregação**

O tema da pregação é a unidade do texto colocada no papel. É a resposta à pergunta: Sobre o que vou pregar? O que vou proclamar? O tema envolve uma delimitação, pois inclui o que o pregador vai dizer, mas também exclui todo o resto. Para fazer uso de metáforas, o tema é o prego ou o cabide no qual se pendura o discurso. Nem tudo pode ser pendurado naquele prego, que não suporta excesso de peso. E, ficando com a metáfora do cabide, há peças de roupa que não se ajustam ao tamanho do cabide.

Um bom tema leva em conta o fato de que a pregação tem um objetivo (seja de fé, seja de vida, seja as duas coisas). Assim, um bom tema implica algum movimento. Uma proposição ou uma frase, incluindo um verbo, são as melhores opções de tema. À luz disto, “Paz”, “Amor fraterno”, “A justiça de Deus” não chegam a ser temas. Os textos bíblicos não tratam disso de forma assim genérica. Por outro lado, “Deus é amor” e “Filhinhos, permaneçam em mim!” são

bons exemplos de tema. Outros exemplos, citados por Michael Reu: “Na manjedoura, Deus abre o seu coração e nos permite ver o seu incomparável amor”. “Deus responde as orações de seu povo”. “A bênção que é ter Jesus como Bom Pastor”. (O que seria uma formulação precária, no caso dos exemplos anteriores? Algo como “É Natal”, “A oração”, “O bom Pastor”.) O tema pode ser uma exclamação: “Venham, porque tudo está preparado!”, “Sejam praticantes da palavra!” Também pode ser pergunta: “Deus responde orações?”, “Quantas vezes devo perdoar?”

Nem seria necessário dizer que a pregação precisa estar relacionada com o tema. De nada adianta formular um belo tema e falar algo diferente. É de Friedrich Schleiermacher a frase: “Um sermão que poderia ter recebido um tema diferente é um sermão defeituoso”. (Se a pregação não corresponde ao tema, mais fácil é alterar o tema do que reescrever a pregação. Mas isso só poderá acontecer, caso alguém diagnosticar o problema antes do momento em que a pregação “nasce outra vez” no púlpito.)

### **Sintético ou analítico**

O pregador pode formular um tema a partir do texto bíblico e, ao pregar, nas diferentes partes, focalizar unicamente esse tema. Esse tipo de pregação pode ser caracterizado de sintético, mais no estilo da Teologia Sistemática. O texto bíblico fornece o tema, mas esse tema não é desenvolvido a partir do texto bíblico; a pregação simplesmente explica o tema.

Mas é possível formular um tema que resume o texto bíblico. Assim, as partes da pregação resultam de uma simples inversão da rota. Em outras palavras, o tema, formulado a partir do texto, é explicado a partir do que está no texto bíblico. Essa pregação pode ser caracterizada de analítica (expositiva).

### **O valor de um tema**

O tema da pregação tende a se fixar na mente do ouvinte. Mas, para tanto, precisa ser breve, claro e marcante. E o pregador precisa repetir o tema! O professor Leopoldo Heimann costumava dizer que o tema é a frase que o ouvinte põe no bolso e leva para casa.

## **O texto bíblico e a estrutura da pregação**

A sensibilidade em relação ao texto bíblico deveria determinar a estrutura da pregação. Diante disto, não faz sentido submeter-se a uma “camisa de força” na forma de “um tema, três partes”. Na prática, não se consegue cobrir o assunto dos quatro cavaleiros do Apocalipse num sermão com três partes. Pregiar fica menos difícil quando se formula um tema a partir do texto e explica o tema a partir dos elementos do texto. O esboço brota do próprio texto bíblico. Como dizia o professor William Schmelder: “Difícilmente se consegue melhorar o esboço do Espírito Santo”.

### **Exemplos de temas com Lucas 24.36-49**

Tema: No final da Páscoa, uma tarefa para a Igreja. Movimentos: 1. Tarefa antiga (já está nas Escrituras); 2. Tarefa executada (vemos os apóstolos pregando arrependimento e fé, no NT); 3. Tarefa focada (não uma missão qualquer, mas a pregação de Cristo).

O ressuscitado está entre os seus. Ele os convence 1) da realidade de sua presença; 2) da necessidade do seu caminho (o caminho percorrido); 3) do caráter obrigatório da tarefa que lhes entrega. (Gottfried Voigt)

### **Formulando as partes (os “movimentos”) a partir do tema**

Se formular um tema já representa um desafio (parece que sempre é mais fácil dar um título à pregação do que formular um tema), não menos desafiador é organizar uma pregação que respeite esse tema ou esteja vinculado com ele. Sim, as partes ou os movimentos da fala precisam ter conexão com o tema. Assim, surge a pergunta: Como formular as partes a partir do tema?

Michael Reu apresenta várias possibilidades, mais relacionadas com o modelo sintético de pregação (ou seja, a pregação mais no estilo da teologia Sistemática). Um método é dividir o tema em várias partes. Se o tema é “O Espírito Santo me chamou pelo evangelho”, as partes poderão ser estas: 1. Quem chamou? 2. Por meio de quem chamou? 3. A quem ele chamou?

Um segundo método é usar uma parte do tema como “princípio de divisão” (divisor). O

exemplo de tema é “Ao olhar da fé, Deus está presente em todo lugar”. A parte do tema que pode ser usada como divisor é “em todo lugar”. (Ou seja, nas “partes” abordam-se vários aspectos ou ângulos desse “em todo lugar”.) Assim, as partes podem ser:

1. Na natureza. 2. Na história. 3. Em nossa vida.

No caso de um tema como “Deus é amor” (1 Jo 4.16), a palavra “amor” pode ser tomada como princípio de divisão. Disso resultam as seguintes partes (altamente previsíveis, diga-se de passagem): 1. É amor como Criador. 2. É amor como Redentor. 3. É amor como Santificador.

Um terceiro método é deixar o tema intacto, abordando a verdade que ele expressa a partir de diferentes ângulos. A abordagem poderá ser feita com o emprego de algumas das assim-chamadas “perguntas diretivas” (quem, o quê, quando, por quê, etc.). Esta pregação pode ser caracterizada como “joia multifacetada”.

Uma pregação de 2 Coríntios 7.6-10 poderia ter como tema “Existe tristeza segundo Deus”. Este tema pode ser abordado sob diferentes ângulos: 1. O que causa essa tristeza? 2. Em que consiste essa tristeza? 3. A que ela leva? 4. Qual o seu fim último?

### **Partes do tema (ou movimentos) conectadas com o tema**

Nenhuma divisão ou parte da pregação deveria ser subordinada a outra (ou às outras). Isto significa que o segundo “movimento” não deveria ser um desdobramento do primeiro. (Tudo o que ainda se disser sobre a “primeira parte” não poderá ser considerado uma “segunda parte”.) Numa situação ideal, os vários movimentos da pregação devem ser subordinados ao tema (um só cabide para pendurar toda a roupa!) e coordenados entre si. Isto significa também que nenhuma parte deveria repetir, contradizer ou anular uma parte anterior, a menos que seja uma pregação com duas partes antitéticas.

### **Partes ou movimentos de duração idêntica?**

Os manuais de Homilética ensinam que não é necessário que os vários movimentos da pregação tenham duração idêntica. E a experiência mostra que, havendo três ou quatro movimentos (ou partes), elas aos poucos vão ficando mais breves. De certo modo, isso

corresponde com a expectativa do ouvinte, que espera que a fala se torne mais abreviada à medida que vai se encaminhando para o final. (Pode ser frustrante notar que as partes se tornam cada vez mais longas...)

### **Em que ordem colocar as partes?**

Não existe regra fixa quanto ao ordenamento das partes. Ao fazer o arranjo, o pregador pode levar em conta considerações de ordem pedagógica e retórica (do conhecido ao desconhecido, do mais simples ao mais complexo, do cognitivo ao emocional, etc.). É importante que a fala cresça em intensidade e termine de forma enfática. Outro fator a considerar é o nível de atenção do ouvinte, que é maior no início de uma fala e que volta a subir no momento em que o ouvinte percebe que a fala vai chegando ao fim. Sabendo disto, o pregador reservará o mais importante para o início e o fim de sua fala.

Se o pregador se dá conta de que as partes já estão todas na estrutura do texto bíblico (o “esboço do Espírito Santo”), nada impede que, por razões de ordem pedagógica ou em função de uma ênfase especial, se faça uma inversão da ordem dessas partes. Ou seja, a sequência a) b) c) do texto bíblico pode resultar numa sequência b) c) a) na pregação.

### **Partes ou movimentos?**

Várias vezes, na parte anterior, fez-se uso da palavra “movimento” como alternativa para “parte”. “Partes” sugere algo mais estanque, delimitado. Uma fala raramente pode seguir um esquema rígido assim. Melhor é pensar em termos de “movimentos” ou “etapas” de uma viagem. “Para chegar do início ao final, vou passar por aqui, deter-me um pouco mais ali, desviar um pouco para a direita no momento seguinte, etc.”

Elaborar uma estrutura bem ordenada ou um esboço bem detalhado (algo na forma de 1, desdobrado em 1.1 e 1.2, seguido de 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3 etc.) é útil para quem prega (porque ajuda a criar uma sequência coerente), mas não representa muito para quem ouve a fala. Como disse Fred Craddock, “a pregação será ouvida; ninguém vai tirar uma fotografia do esboço”. Assim, o pregador terá de decidir se vale à pena o esforço de colocar no papel um esboço bem detalhado. Na minha experiência, algo assim nunca funcionou. O mesmo se verifica no caso de

elaboração de um estudo homilético que supostamente poderá ser usado por outro pregador. Raramente será possível aproveitar um esquema detalhado que outra pessoa elaborou. Pregador é algo altamente pessoal. Preciso organizar a fala da maneira que me parece adequada e lógica. Raramente consigo seguir a lógica do esboço de outro pregador (principalmente no que se refere às subdivisões menores, ou seja, o ponto 1.1.1., por exemplo).

## **Circularidade**

A Homilética tradicional deve muito à lógica e à retórica greco-romana. Tudo está bem arranjado, e a lógica tende a ser linear: primeiro o ponto 1, depois o ponto 2, seguido pelo ponto 3. Quando se chega ao ponto 2, não se faz mais referência ao que foi desenvolvido no ponto 1. Isto funciona bem para textos escritos (em que o leitor pode voltar a uma página anterior, caso não tenha percebido algo importante para a compreensão do assunto que está lendo), mas é mais problemático no caso de uma fala. Num contexto de oralidade (e isto se aplica de modo especial ao rádio), dizer algo mais de uma vez é normal (e benéfico ao ouvinte). A lógica bíblica, marcada pela oralidade, é mais circular (e repetitiva) do que a lógica grega. Entretanto, não se trata de uma circularidade repetitiva (no estilo de uma pregação roda-gigante, em que há movimento, mas não se sai do lugar), mas uma circularidade espiralada (em que há progressão). O melhor exemplo dessa circularidade espiralada, no cânone bíblico, é a Primeira Carta de João.

Nessa circularidade espiralada, a pregação acabará se assemelhando a um rio que serpenteia num vale, com um relevo um pouco inclinado. A pregação não fica o tempo todo no mesmo lugar (há movimento; a viagem segue; as águas do rio fluem), mas ela também não é tão rápida e retilínea como um curso de água que vem montanha abaixo. Melhor mesmo é um meio-termo entre “rio que fica estagnado num delta pantanoso” e “corredeira que vem rolando morro abaixo”.

O esboço da pregação clássica (parte 1, parte 2, parte 3) corria o risco de resultar numa estrutura demasiadamente visível. Essa seria a típica “pregação esquelética”, em que se podem ver os “ossos” da estrutura. Os teóricos gregos e romanos já alertavam contra uma demasiada visibilidade da estrutura. A recomendação era esta: “melhor esconder do que remover”. Isto significa que a estrutura, altamente necessária, não deve se tornar um fim em si.

## VI

**A Introdução****(Começando a pregação em grande estilo)****Precisa ter Introdução?**

Toda pregação começa em algum ponto, normalmente depois de uma saudação protocolar (“Graça e paz etc.”), ou quem sabe depois de um momento de oração, mas isto não significa que esse início pode ser caracterizado como “Introdução”. Há uma diferença entre começar a falar e introduzir uma fala.

Não é de hoje que se faz a pergunta se todas as pregações precisam de uma introdução. Michael Reu escreveu que nem sempre a introdução é necessária. Crisóstomo, Agostinho, Lutero e Calvino muitas vezes começavam a pregação sem qualquer introdução. (É o sermão sem rampa de acesso.) Por outro lado, Paulo, em Atenas, captou a benevolência dos ouvintes (At 17.22). Assim, na dúvida, é melhor ter introdução do que não ter.

**Objetivos de uma Introdução**

Segundo Cícero, são três os objetivos do exórdio: despertar o interesse, assegurar o favor dos ouvintes (*captatio benevolentiae*), servir de rumo para a fala.

Talvez pareça desnecessário despertar o interesse das pessoas que vieram ao culto, numa igreja. Afinal, elas vieram à igreja sabendo que haveria uma pregação. A princípio, deveriam estar preparadas e dispostas a ouvir. (A situação é diferente para muitos professores que, ao entrarem numa sala de aula barulhenta, precisam acalmar os alunos e esperar algum tempo até poderem começar a falar.) No entanto, já nos idos de 1859, William Taylor (em *The Model Preacher*) escreveu que, se pudéssemos olhar para dentro da mente dos ouvintes, veríamos de tudo: lavouras, gado, mercados, contas bancárias, viagens, instrumentos musicais, grupos de amigos, etc. Segundo Taylor, não adianta aparecer diante desses ouvintes e dizer: “Por favor, prestem atenção!” É necessário conseguir a atenção dos ouvintes. Que diria Taylor se vivesse nos dias de hoje? Tantas distrações, tão breves os períodos de concentração...

Para despertar o interesse e assegurar o favor dos ouvintes, a introdução deveria ser o mais

indutiva possível. Anunciar o tema e as partes, ou seja, apresentar um resumo da pregação na abertura, não é necessariamente a melhor estratégia. No entanto, pregadores de comunidades afro-americanas nos Estados Unidos são famosos exatamente por isto: anunciam o assunto, explicam o assunto e, no final, dizem sobre o que acabaram de falar.

Assim, em alguns momentos, começar, dizendo: “O tema de hoje é...”, pode até ser uma boa introdução. No entanto, começar uma pregação no domingo de Páscoa, dizendo: “Hoje é Páscoa!”, pode não despertar maior interesse, na medida em que provavelmente todos os ouvintes já saibam desse fato.

Michael Reu escreve que o objetivo da Introdução é preparar o ouvinte para o assunto do tema. A Introdução faz a passagem da leitura do texto bíblico ao anúncio (sic) do tema. O pregador pode fazer referência ao contexto bíblico e sua importância para o texto, apontar para razões pelas quais o texto exige determinado tema, mostrar a adequação do texto e tema ao período do ano, etc. Num dia festivo ou numa data que se repete (Natal, por exemplo), pode-se dizer que é um tema ao qual é necessário voltar sempre de novo.

### **Quando planejar a Introdução?**

Normalmente a Introdução é a última coisa a ser elaborada, em especial quando se trata de um trabalho científico como um Trabalho de Conclusão de Curso. Afinal, como introduzir ou apresentar o que ainda não existe? No entanto, pode haver momentos em que o ponto de partida é a introdução. É aquele momento em que ocorre ao pregador uma ideia ou uma frase, que sugere ou dá acesso a um tema. Sendo assim, por que desperdiçá-la?

### **Cabe introduzir**

A Introdução precisa, de fato, introduzir. Ou seja, não pode apenas ser uma história interessante colocada no início da pregação, sem conexão com o que segue. Há “introduções” que, em vez de introduzir, servem para distrair. No entanto, também não faz muito sentido ter uma boa introdução, que conduz ao tema, e, em seguida, decepcionar o ouvinte, levando a fala para outra direção.

## **Na medida certa**

A Introdução precisa ficar “na medida certa”, ou seja, não pode ser demasiadamente longa. Nestes tempos apressados, parece preferível não ter introdução alguma a ter uma Introdução que nunca termina.

## **Dicas para a boa Introdução**

1. Não comece num ponto muito distante, porque não é bom ter uma Introdução que nunca termina. 2. Não faça da Introdução um fim em si; ela precisa ser um meio para um fim. 3. A Introdução deve introduzir o tema, e não uma das partes, nem mesmo a primeira parte da pregação. 4. A primeira impressão tende a ser a que fica, e essa primeira impressão é causada pela Introdução. Agostinho disse: “A boa casa é conhecida a partir do pórtico de entrada”.

## **Exemplos de Introdução**

1. No funeral de Luis, o Grande, o pregador começou assim: “Meus irmãos, só Deus é grande”. 2. Crisóstomo, diante do fato de cristãos frequentarem o circo na Sexta-feira Santa: “Será que algo assim pode ser tolerado? Dá para aguentar isso?” 3. Alguém ao pregar sobre Jo 14.15: “*Se me amarem! Se me amarem! Que se cruel é esse? Qual a razão desse se?*”

## VII

### **A Conclusão (Terminando a pregação melhor ainda)**

#### **É hora de parar**

A pregação precisa terminar em algum momento. Por mais que se explique um grande assunto, ainda será possível falar sobre ele (John S. Mill). Em outras palavras, como não será possível dizer tudo mesmo, pare no momento oportuno! O professor Arnaldo J. Schmidt dizia: “Se nada aconteceu em 22 minutos, dificilmente acontecerá depois disso”. A pregação precisa ser completa em relação ao tema que é proposto. Como disse alguém: “É preciso deixar algumas batatas para o jantar”.

#### **Há diferença entre parar de falar e concluir**

A Conclusão não é apenas o final da pregação, mas a sua complementação. Segundo Michael Reu, a Conclusão se destina a reunir as várias afirmações, os apelos e as motivações e mostrar de forma impactante como tudo isso se relaciona com o ouvinte, a ponto de criar uma impressão que fica. Segundo Reu, a conclusão deveria ser como um rio, aumentando em volume e chegando ao mar com força. Infelizmente, muitas vezes a fala se dissolve num delta pantanoso.

#### **Conclusões são planejadas**

Concluir bem é uma arte. O objetivo é causar efeito, atingir um clímax, fazer conexões. Se a Conclusão não for planejada, a pregação acabará sendo o típico “sermão voo cego”, em que o piloto não encontra a cabeceira da pista para aterrissar. Fred Craddock sugere que se comece o preparo da pregação pela Conclusão, para que a pregação não vá se arrastando para o final. (Como Craddock adota o método indutivo, em que o tema aparece ao final, isto faz todo o sentido.) É preciso terminar num clímax, e não nos adendos sem fim.

## **Recapitulação?**

A conclusão pode ser simplesmente uma pergunta que leva a pensar. Pode ser também uma breve recapitulação. Há lugares e momentos em que uma síntese ou breve repetição no final fica bem. No entanto, não se deveria cair em repetição. Como alguém se expressou, “ao sobrevoar o campo de batalha, podemos rever os lugares por onde passamos; não é necessário refazer a batalha”. Ou, conforme o conselho de um pregador escocês: “Mostre ao povo para onde você está indo e, na aplicação, lembre a eles por onde você passou”. Ao se fazer essa breve recapitulação, é bom variar a linguagem, evitando repetir frases que já foram usadas. Seja como for, a conclusão deve ser adequada para o sermão que acabou de ser pregado. Em outras palavras, a Conclusão não deveria ser um pensamento adicional e avulso.

## **Brevidade**

A Conclusão deve ser breve. Ou seja, é preciso saber concluir a Conclusão. Alguém disse: “Pare de atirar depois que acabou a munição; o povo consegue identificar tiros de festim”.

## **Conclusões previsíveis**

Há conclusões típicas ou previsíveis, que o pregador deveria na medida do possível evitar. (Nada pode ser mais frustrante do que ver uma organista fazer os movimentos de preparação para o cântico após a pregação sempre ao faltarem dois ou três minutos para o final. Uma boa conclusão é aquela que o organista ou tecladista não espera!) Não é recomendável usar o “Finalmente”, o “Para concluir” (que nem sempre é levado a sério), o “Mais um detalhe antes de encerrar”. Famoso é o sermão do “óke” (“Oh que todos nós possamos...”).

## **Final com “rabo piedoso”**

Há pregações que podem ser caracterizadas como “sermões de rabo piedoso”. O pregador fala sobre assuntos aleatórios, não diretamente relacionados com o seu chamado de testemunha cristã, e, de repente, dá-se conta de que deveria mesmo ter falado como um homem religioso.

Assim, o último parágrafo acaba tendo um viés teológico (algo que poderia começar mais ou menos assim: “A fé cristã tem também algo a dizer a respeito disto...”). Este é o típico sermão com “rabo piedoso”.

Um pregador luterano, antigo professor do Curso Pré-Teológico do Seminário Concórdia, tinha uma forma padronizada de concluir as pregações. Fosse qual fosse o texto, qualquer que fosse o tema, ele sempre concluía (segundo o relato de ouvintes daquele tempo) com uma referência à glória do céu. A conclusão era previsível. Mas ninguém podia dizer que aquele pregador não dava importância às “últimas coisas” ou que ele nunca falava a respeito do céu!

### **O típico dever de casa**

Muitos pregadores têm extrema dificuldade para concluir o sermão num tom evangélico. Parece que ficam horrorizados com a possibilidade de encerrar a pregação sem o clássico “dever de casa”. A Conclusão sempre se inicia com algo do tipo “E agora, irmãos e irmãs, qual deveria ser a nossa reação diante disto?” Concluir com o evangelho é confiar que o Espírito Santo age por meio da Palavra e produz os frutos que são esperados. Cabe ousar um final evangélico!

### **Pergunta e/ou silêncio**

Não é incomum a pregação que termina com uma série de perguntas. (Essa certamente será uma conclusão em tom de lei. A típica verbalização da lei é a pergunta. O evangelho nunca aparece na forma interrogativa.) Teóricos da Homilética sugerem que, em vez de várias perguntas, é melhor concluir de forma enfática com uma só. Mais surpreendente é a sugestão (feita por Fred Craddock) de concluir em silêncio. Esse silêncio (certamente em tom de lei) pode ser constrangedor, mas tem o seu efeito, dependendo do caso.

### **Concluir com poema ou com música?**

Em antigos livros de sermões, não raras vezes se encontra uma pregação que termina com um hino ou a estrofe de um hino. Deduz-se que esse trecho poético era lido ao final da pregação. Hoje isso é mais raro de acontecer, mas não haveria por que não fazê-lo. Se a poesia, se o hino

(ou uma estrofe dele) estiver memorizado, o impacto poderá ser maior. No final da pregação, perder o contato visual, fazendo a leitura de quatro estrofes de um hino, não é necessariamente uma boa estratégia.

Já que se falou em hino, existe a possibilidade (citada por Fred Craddock) de que o coro faça a conclusão. Mas isso teria que vir como surpresa, sem movimentação de pessoas e demora em “dar o tom” aos vários naipes de cantores.

### **Conclusão fora do púlpito?**

Um sermão que culmina com referência à Ceia poderia terminar diante do altar.

### **A técnica do colchete**

Muito utilizada por alguns pregadores, com muita eficácia, é a técnica do colchete.

Aqui, o pregador conclui com uma volta ao início. Isto é muito apropriado quando a pregação começa (Introdução!) com o relato de determinada situação, com uma pergunta ou algo assim. Na Conclusão, quando o pregador retoma o assunto, o ouvinte percebe que a fala se encaminha para o final, trata de concentrar-se outra vez, já conhece o assunto, mas é surpreendido pela inclusão de novos elementos (abordados ao longo da fala) naquilo que tinha ouvido no começo.

### **Antes da Introdução e depois da Conclusão**

Era costume, não muito tempo atrás, os pregadores lerem o texto da pregação, especialmente quando o texto era uma (breve) passagem bíblica avulsa, isto é, sem conexão com as leituras do culto. Hoje, com a Série Trienal, pregadores normalmente tomam um texto mais longo, o que é bom, e não repetem a leitura desse texto, no púlpito. Se o texto é, de fato, pregado, não há por que repeti-lo. Mas, por vezes, como o texto bíblico aparece minimamente, melhor mesmo teria sido que fosse ouvido uma segunda vez. Se a perícopes é breve, não haveria por que não ler o texto outra vez. Fato é que, num tempo em que se requer pressa e o déficit de atenção é cada vez maior, o melhor mesmo é começar a pregação o mais rapidamente possível. No entanto, fica bem

iniciar com uma bênção (“Graça e paz...”) ou um “Em nome de Deus...”. Como já foi mencionado, embora pouco usual no contexto luterano, um momento de oração também fica bem.

Concluída a pregação (com o típico “amém”, que, na verdade, deveria ser sempre dos ouvintes, não do pregador!), costuma-se proferir mais uma bênção. No contexto luterano, faz-se uso do texto de Filipenses 4.7. No entanto, muitos pregadores (e até mesmo seminaristas, que copiam um mau hábito de seus pastores) pensam que precisam emendar o texto bíblico, adjetivando o substantivo “entendimento”. Assim, a bênção acaba sendo “E a paz de Deus, que excede todo *\*humano* entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus”. Falada com pressa, essa bênção emendada resulta num jocoso “*manentendimento*”. Melhor eliminar o adjetivo. A paz de Deus excede todo entendimento (1 Pe 1.12).

## VIII

### **Dando forma à mensagem (o “texto”) que vou pregar**

“Posso ver o seu sermão?” “Professor, posso lhe mandar a minha pregação?” Estas são frases que usamos, e elas dão a entender que a pregação é o registro escrito do que se vai falar. Mas a pregação não é o manuscrito, que é a partitura. O manuscrito e a partitura são estáticos, como uma pintura ou um quadro. A pregação é a execução da música, uma continuidade de sons, olhares, gestos, em ordem temporal. A pregação é música e nela não se ouve tudo de uma vez, mas compasso após compasso, tema após tema.

Diante disto, se a Homilética se limita a solicitar as partituras (os manuscritos) dos futuros pregadores, ela tem muito pouco de “disciplina prática”. A prática se faz na prática! Alguém dirá que a Homilética prepara com vistas a pregações futuras. Se isto é ser “prático”, então a Exegese, a Sistemática e a História também são “práticas”, porque têm em vista pregações futuras e todo o futuro ministério pastoral (num curso de formação de pastores). A Homilética só se completa se os participantes sobem ou vão ao púlpito.

#### **Preciso escrever?**

Se a pregação não é o manuscrito, será que isto significa que não é necessário escrever aquilo que se pretende dizer? Não é absolutamente necessário ter um manuscrito, pelo menos não um texto por extenso. (Como será indicado mais adiante, o manuscrito completo será um constante estímulo a que se leve o mesmo ao púlpito e se faça a leitura daquilo que, com tanto cuidado e com todas aquelas frases bem torneadas, conseguimos pôr no papel.)

No entanto, escrever a pregação ajuda a organizar as ideias. Ajuda também a encontrar formas de expressão, que poderão até ser evocadas ou lembradas no púlpito. Escrever a pregação é a garantia de que podemos verbalizar esse assunto, com um começo, meio e fim. Além disso, o ato de escrever permite descobrir inconsistências e falta de clareza. Talvez se veja que é preciso recomeçar. Richard Caemmerer, no tempo da máquina de escrever, afirmou o seguinte: “É preferível que a palha seja levada pelo vento produzido pelos ‘braços’ curvos sobre os quais estão montados os tipos da máquina de escrever do que pelo sopro do pregador no púlpito”.

(Hoje diríamos que é preferível que isso seja feito pelo ‘vento’ produzido pelo movimento dos dedos no teclado do computador...)

### **Vantagens da redação da pregação**

Escrever a pregação antecipadamente protege o pregador das armadilhas da improvisação. O pregador não irá improvisar ou criar algo no púlpito, mas simplesmente ‘recriar’ o que preparou em momento anterior, num esforço literário (ou de escrita). Ter um manuscrito pronto permite que se repasse o que foi preparado, para verificar se a fala avança ou não. Sem a escrita, a “crítica literária” seria bem mais difícil. Neste sentido, ter um texto pronto permite que se critique o que foi registrado e, em determinados casos, se retire o que não é oportuno. Pode o pregador notar que determinada frase soar ofensiva. É possível que uma observação um tanto engraçada atrapalhe a afirmação seguinte, mais séria, de caráter teológico.

Mas, como indica Michael Reu, é preciso abrir espaço para aquilo que aparece na hora de pregar, no púlpito, para que o sermão não seja simplesmente uma reprodução do que foi escrito.

### **Quando colocar a fala no papel**

Pregadores famosos do passado (Agostinho, Lutero e outros) tiveram muitas de suas pregações anotadas por secretários ou estenógrafos. Essas pregações não foram escritas antes de serem feitas. Também há informação a respeito de pregadores que só escreviam os sermões quando alguém lhes pedia uma cópia, após o culto. Neste caso, procuravam reproduzir por escrito o que tinham anunciado oralmente no púlpito. (Alguém poderia pensar que foi daí que se derivou o seguinte conselho: “Só se deveria publicar um sermão que foi efetivamente pregado”. É possível. No entanto, mesmo não sendo este o caso, o conselho não deixa de ser bom.)

Se eu for escrever, qual o momento adequado? Isto pode variar de pregador para pregador. Raros são os pregadores que conseguem fazer o que, segundo consta, um pastor era capaz de fazer: Escrevia a pregação na terça-feira, colocava o manuscrito numa gaveta, para tirá-lo de lá apenas no momento em que se dirigia ao templo para o culto. Cada um cada qual, mas, pela minha experiência, essa pregação chegaria ‘fria’ ao púlpito, para não dizer que poderia ter o sabor do ‘pão dormido’.

Dietrich Bonhoeffer, em sua Homilética de Finkenwalde, faz uso metafórico da prática israelita de colher o maná, no deserto: era colhido no dia ou, quando muito, na véspera (do sábado). Parece claro que uma fala que recebeu os últimos retoques ou preparativos na véspera é mais fácil de reproduzir no púlpito do que uma fala preparada quatro dias antes.

A escrita da pregação permite, também, que se faça um arquivamento. Hoje, na era digital, isso se tornou bem mais fácil. É claro que um sermão arquivado é sempre um recurso de que se pode dispor, no caso da Série Trienal, três anos depois. No entanto, um sermão de três anos atrás, levado ao púlpito tal qual foi escrito naquele tempo, corre o risco de ter gosto bolorento. Isto não significa que não se pode aproveitar uma pregação do passado. Alguém se expressou assim: “Se não puder ser pregado uma segunda vez, não valeu à pena pregar da primeira vez!” Mas há uma diferença entre reaproveitar e repetir.

Três anos depois, o mundo não é mais exatamente o mesmo, eu (como pregador) mudei, e os ouvintes não são mais os mesmos. Faz-se uso de pregações antigas de um modo semelhante ao uso de outros materiais: extraímos as ideias, mas expressamos de uma forma nova. Um sermão antigo pode ‘renascer’ no púlpito com um DNA um pouco diferente.

### **Como escrever**

Escrever uma pregação é colocar no papel algo que será apresentado como se não tivesse sido escrito. É algo que será falado, mas que, pelas razões citadas acima, preferimos colocar inicialmente no papel. Assim, nada impede que na própria escrita já se faça uso de termos típicos da linguagem falada (“pra” em vez de “para”, “tava” em vez de “estava”, “mas” em lugar de “contudo”, etc.). Ninguém será capaz de ouvir (ou ver) que o sinal de crase foi colocado no lugar onde não cabe (como, por exemplo, num cartaz que diz: “Sujeito \*à guincho!”).

Há, é claro, diferença entre escrever e falar. Muitos escrevem bem, mas falam de forma sofrível. Outros escrevem mal, mas se expressam muito bem de forma oral. Há até mesmo uma história que ilustra isso. Ao saber que as pregações de seu pastor iriam virar livro, um paroquiano reagiu da seguinte maneira: “Deveriam imprimir o pregador, não as pregações”.

A homilia é uma fala. O sermão é linguagem falada, não obra literária. Se alguém quiser publicar determinada pregação, aí sim o texto terá de ser colocado no padrão da língua culta escrita. (Pessoalmente, preparei muitos textos para serem gravados e transmitidos pelo rádio.

Depois, ao fazer uso de algum desses materiais em artigo de revista, tive que fazer toda uma reformulação. É claro que não se pode publicar um artigo escrito mais ou menos do jeito que se fala.)

### **Simplicidade**

Há pregações que parecem uma discussão nada esclarecedora de problemas irreais, numa linguagem obscura que poucos entendem. Muitos pregadores sofrem de “pressuposicionite”, ou seja, pressupõem demais. (Algum conhecimento dos ouvintes pode ser pressuposto, mas não se deve exagerar na medida.) Disse alguém que qualquer um pode complicar um assunto; simplifica-lo é dom que poucos têm. Spurgeon lembra que Jesus disse “apascenta os meus cordeiros”, e não “alimente as minhas girafas”. Billy Graham queixou-se que a tendência dos pregadores é pregar para pastores. Amor e simplicidade – estes os segredos do pastor.

## IX

### Originalidade, pesquisa e plágio

#### O estilo é o homem

Pregar é um processo pessoal. O pregador tem o privilégio de “filtrar” a palavra de Deus para os seus ouvintes. Se não ouvirem de mim, que sou o pregador, talvez não venham a ouvir o evangelho.

Não há dois pregadores idênticos. A menos que um copie exatamente o que o outro fez. Neste caso, é plágio. Mas ainda assim haverá uma “entrega” da mensagem que não será exatamente idêntica. Mas o normal é que cada pregador prepare a sua pregação. Davi não fica bem na armadura de Saul. Ao ser solicitado a compartilhar uma cópia de uma marcante pregação, o saudoso Dr. Johannes H. Rottmann, professor de Novo Testamento do Seminário Concórdia, deu o seguinte aviso aos ávidos alunos: “Mas lembrem-se que o ‘velho’ não vai estar parado lá!” Importante lembrete. Uma coisa eram aquelas palavras com a emoção e o sotaque inconfundível do Dr. Rottmann; outra coisa era repetir aquelas palavras como se fossem minhas.

Aproveitando o exemplo acima, pode-se acrescentar que um pregador calejado tem um etos e uma credibilidade que um aluno de primeiro ano de Teologia não tem. Etos é algo que se tem ou não se tem. É algo que se constrói, e que vai sendo construído à medida que pregamos. Nada como a credibilidade do pastor do rebanho. Sim, o melhor pregador em determinada igreja é o pastor daquela igreja.

#### O problema do plágio

Plágio não é nenhuma novidade. (Lutero teve a sua tradução do Novo Testamento roubada por alguém, que a publicou como se fosse sua. E, naquele tempo, não havia nada nem parecido com copyright ou direitos autorais.) Hoje o plágio se tornou de certa forma mais fácil (há um maior número de materiais na Internet), mas também se tornou mais fácil de ser identificado. Não é de hoje que faculdades que pedem trabalhos de conclusão de curso fazem uma verificação de possível plágio.

Mas o que é plágio? Plágio é o uso de ideias e informações de outras pessoas sem reconhecer essa pessoa específica como a fonte. E, para que eu não seja tachado de plagiador, informo que esta definição foi tirada de <https://plagiarismdetector.net>.

### **O que poderia levar um pregador a plagiar?**

Um artigo publicado na revista *Christianity Today* (em 2002) aborda a questão do plágio em relação a pastores, dizendo que o pastor se defronta com três complicadores: 1. Vivemos numa era de saturação midiática. As pessoas podem ver vídeos de grandes pregadores e isso põe pressão sobre o pregador local. 2. O pastor fala (e escreve) mais do que qualquer outro comunicador. Políticos têm quem escreva os seus discursos. Um colunista de revista normalmente publica uma coluna a cada duas semanas. O pastor em muitos casos prega mais de um sermão por semana. 3. O sermão é ‘publicado’ sem que um editor veja antes. Assim, ninguém perceberá qualquer plágio de forma antecipada. O pregador se sente mais ‘protegido’.

### **Plágio é um problema?**

Talvez se pense que plagiar não é algo tão comprometedor assim. Não é, enquanto nada é descoberto. Mas para um pastor isso é, sim, assunto sério. Disse alguém: “Se o pastor não prega o que é dele, como posso levá-lo a sério no restante do ministério?”

É raro um pastor ser suspenso por plágio, mas foi o que aconteceu, em 2002, nos Estados Unidos, com um pastor anglicano chamado Edward Mullins. Os membros da igreja descobriram que ele plagiava de forma sistemática ou continuada. Mullins foi suspenso por 90 dias, para que a diocese investigasse o caso. Como o caso terminou, não interessa neste momento.

### **“Plágio” em tempos passados**

Quem lê o Prefácio de Martinho Lutero ao Catecismo Maior (no Livro de Concórdia), ouve a queixa de Lutero em relação a pregadores e pastores que não querem ensinar o catecismo, isto é, o conteúdo da fé cristã. Lutero lembra que o que se deve ensinar e pregar está disponível, de forma muito clara e fácil, em muitos livros úteis. E então Lutero acrescenta que esses são “os

verdadeiros *Sermones per se loquentes* [Sermões que falam por si], *Dormi secure* [Durma em segurança], *Paratos* [Preparados] e *Thesaurus* [Tesouros], como eram chamados em outras épocas”. (Livro de Concórdia, 2ª edição, 406) Uma nota de pé de página indica que esses eram títulos de livros de sermões amplamente difundidos na Idade Média. “Durma em paz!” A pregação está no livro, que mais eu poderia desejar?

Portanto, pregar sermões de outros é prática antiga. (Até se poderia dizer que os sermões de pregadores como Agostinho e Crisóstomo foram preservados e transmitidos de geração em geração, porque interessavam a pregadores. Lutero escreveu livros de sermões, as *Postillen*, para os pregadores simples. Naquele contexto, o assunto da pregação era mais importante do que a originalidade do pregador. Pensando em Agostinho, Crisóstomo e Lutero, seria possível dizer o seguinte: Se formos estudar o sermão de alguém, que demos preferência aos que são os “pesos-pesados”.) Até meados do século 19, livros de sermões vendiam mais do que os romances! O rei Jaime I (Inglaterra; faleceu em 1625) determinou que todos os pregadores deveriam pregar *um* sermão original por mês. E já houve quem fosse ordenado ao ministério (também na Inglaterra) sob a condição de, durante os primeiros três ou quatro anos de ministério, não pregar nenhum sermão de sua própria autoria!

Alguém dirá, com razão, que “hoje os tempos são outros e os chiripas estão rotos”.

Não estamos mais no início do movimento da Reforma. Pregadores são formados em escolas de Teologia que têm um currículo de no mínimo quatro anos. As igrejas de hoje esperam, com razão, que seus pastores preparem eles mesmos o que vão pregar.

Para deixar claro que não há, em si, nada de errado em consultar outros materiais, me apresso em acrescentar que existem hoje muitos *Dormi Secure* (“Durma em segurança”) na forma de sites de Internet. Cito *Desperatepreacher.com* (Pregador desesperado!) e *Preachingtoday.com*. Minha preferência pessoal é por *Textweek.com*, especialmente porque remete a estudos sobre os textos bíblicos, tendo apenas minimamente “sermões prontos”.

De fato, muito melhor do que ler uma pregação finalizada é ler estudos homiléticos (como os que são publicados na revista “Igreja Luterana”). Mas, em muitos momentos, o que se encontra em outro lugar, numa conversa com outros pregadores, mostra que o caminho escolhido é bom, e que “eu nunca faria algo do tipo que é sugerido”.

## **Plágio e pesquisa**

Já está suficientemente claro que não precisamos extrair tudo de dentro de nós mesmos. Se fosse assim, ai dos ouvintes! Bem cedo teríamos gasto toda a munição ou estaríamos “dando sempre o mesmo tiro”. Há um sábio conselho que diz: “Pense até ficar vazio; leia até ficar cheio outra vez”. Podemos (devemos) aprender com os outros também.

Há, no entanto, uma diferença entre plágio e pesquisa. Usar frases de uma única pessoa ou depender exclusivamente de um autor é plágio; citar ideias de dezenas de autores é pesquisa! Isto mostra que a diferença entre plágio e pesquisa é uma questão de gradação. Sempre que reconheço o trabalho de outros, evito o que se poderia caracterizar como plágio. Isto nem sempre é possível e/ou conveniente numa pregação. Se alguém mencionar Charles Spurgeon, os ouvintes poderão ficar pensando: Mas quem é esse sujeito? Deste modo, em vez de considerar o pensamento de Spurgeon, se distraem, pensando em quem poderia ser esse homem. Melhor, num caso assim, é dizer simplesmente “um grande pregador do passado”.

## **Originalidade absoluta?**

É muito difícil ser 100% original. Aliás, se pregarmos algo que nunca foi dito (ou que não aparece em lugar algum – especialmente da Bíblia), seremos hereges! “O SENHOR deu a palavra; grande é o exército dos [das!] que anunciam as boas-novas” (Sl 68.11). Além disso, existe o fenômeno da intertextualidade: meu texto de hoje não está livre da influência de textos que já escrevi ou que li. No entanto, isto não anula o fato de que há uma nítida diferença entre plágio e influência. Quando o assunto é consultar os outros, recomenda-se que essa “conversa” só ocorra depois que tivermos adquirido confiança em nós mesmos ou já sabemos mais ou menos o que iremos dizer. Aplica-se o mesmo à exegese: em primeiro lugar, faço a minha leitura do texto; só num segundo momento vou escutar o que outros (comentários) têm a dizer. Nem seria necessário dizer que tudo aquilo que se colhe de outros ou em outros lugares precisa passar pelo filtro da personalidade do pregador. Raramente o estilo de outra pessoa é exatamente o meu estilo ou o meu jeito de dizer as coisas. No púlpito, o pregador precisa ser autêntico. Alguém disse: “Prefiro ser xingado por um mau sermão que eu mesmo escrevi do que ser elogiado por uma pregação que não é minha”.

**X****Como levar ao púlpito o que preparei para falar?**

Teóricos da Homilética costumam lembrar que a pregação precisa como que “nascer de novo”, no púlpito. No entanto, também é possível afirmar que não existe pregação antes do momento no púlpito. Sob este aspecto, a pregação “nasce” no púlpito. Na perspectiva da igreja (os ouvintes), isso é bem assim. As pessoas não sabem em quanto tempo e como o pregador se preparou; elas ouvem o que o pregador diz.

**Cinco formas de apresentar algo**

Um orador pode preparar um texto (impresso) e fazer uma leitura pura e simples.

Esse tipo de apresentação também requer preparo, mas, de modo geral, parece ser a estratégia mais fácil.

Se um orador quiser desprender-se do papel, pode memorizar um texto palavra por palavra e fazer uma recitação. Faz-se algo assim com hinos e poesias, mas é praticamente impossível, num cenário realista, esperar que um pregador cristão consiga memorizar textualmente uma mensagem (ou mais de uma) por semana. Esse tipo de recitação acaba soando artificial. E também não é necessário ir a tal extremo.

Uma alternativa (problemática, não recomendada) é a improvisação, o famoso “sacudir da manga”. Existem, sem dúvida, muitas situações na vida de um pastor em que terá de falar de improviso. No entanto, em condições normais, isto é, havendo tempo para um preparo prévio, improvisar é uma péssima alternativa.

A melhor opção é, sem dúvida, o “improviso preparado”. Isto significa que o orador faz todos os preparativos (escolhe o tema, organiza os movimentos, opta por uma maneira de dizer o que preparou, faz um registro escrito do que pretende dizer, ensaia o que preparou, etc.) e fala de maneira livre. A pregação é, então, “recriada” no púlpito, numa versão oral.

Uma quinta alternativa é uma combinação de duas ou mais das opções anteriores.

## Ler ou falar livre?

Em perspectiva histórica, e também no contexto da Igreja Luterana ao longo dos séculos, ler um sermão escrito nunca foi a opção número um. Na Igreja Antiga e na Idade Média, o sermão falado era a regra.

De Agostinho se conhece mais de 900 pregações, anotadas por estenógrafos. (Agostinho afirmou: “Eloquência não é algo que buscamos; ela acompanha o amor à verdade”.)

Crisóstomo pregava “livre”. Certa vez, vendo a inquietação dos ouvintes, que se distraíam com o fato de que estavam acendendo as luzes nas ruas da cidade, reagiu da seguinte forma: “Gente, a verdadeira luz está aqui – a Palavra de Deus!”

Lutero, ao que consta, costumava pregar a partir de um resumo num pedaço de papel. O texto publicado (e dele temos, na edição de Weimar, umas 2.100 pregações) é resultado do registro de secretários ou estenógrafos.

O Dr. C.F.W. Walther afirmou que a congregação tem o direito de esperar que o pastor saiba o sermão de cor.

Michael Reu, falando sobre a situação norte-americana no começo do século 20, lembrou a seu público que a leitura do sermão no púlpito é algo que os luteranos copiaram dos puritanos. “Nunca foi a prática de nossa Igreja!” Uma pregação é um “testemunho ao vivo”. O sermão lido soa mais ou menos como “o testemunho que eu tinha a dar no momento em que escrevi o que tenho diante de mim”.

Mas é claro que isso não foi uma regra absoluta em todos os lugares. Na Inglaterra, ler o sermão chegou a ser exigência, para garantir a ortodoxia. No século 18, em Londres, um padre foi afastado porque tinha o hábito de tirar os olhos do papel! Há pregadores famosos que sempre leram as pregações. Mas é preciso saber (e poder) ler como eles liam! (No famoso discurso “Sobre a Coroa”, de Demóstenes, calcula-se que o material lido chegou a 1/8 do todo. Esse material lido não foi preservado. Mas existem as indicações, do tipo: “Vou apresentar o que foi decidido...”)

Se o pregador se atém ao manuscrito, isto não significa que ele pode simplesmente ler o que escreveu. É necessário familiarizar-se com o manuscrito. Essa familiaridade abre as portas para um pouco de improvisação e permite alguma liberdade no púlpito: substituir uma palavra, saltar uma frase, inserir algo que ocorre no momento, etc. Um texto impresso não tem exatamente a

mesma aparência que ele tem na tela do computador. Se a formatação é alterada, o pregador não sabe o que se encontra em que lugar. Familiaridade com o manuscrito é o mínimo que se espera de alguém que prega a partir do papel. (Quem depende inteiramente do manuscrito precisa vigiar esse manuscrito, para que não ocorra algum ato de sabotagem. Há uma história divertida que ilustra isso. Um pastor costumava deixar a pregação no púlpito já no sábado. Acontece, porém, que um grupo de jovens se reunia na igreja à noite. Um jovem decidiu surrupiar uma folha do manuscrito. No domingo, ao pregar, o pastor leu as últimas palavras de uma folha, onde constava o seguinte: “E então podemos imaginar que Eva disse a Adão”. Ao virar a folha, notou que a continuação do diálogo não estava ali. Deu-se conta de que faltava algo. Olhou para congregação e disse: “Falta uma folha!”)

### **O problema do papel**

O papel é mau condutor de calor humano. Charles Spurgeon afirmou: “A melhor leitura que eu ouvi tinha gosto de papel e ficou trancada na minha garganta!” Ficar preso ao manuscrito é perder contato visual com os ouvintes, e isso representa um problema. Afinal, o olho é o mais poderoso auxiliar da voz. Pregador de ouvido permite naturalidade, proximidade, e dá à pregação o caráter de testemunho.

Tenho visto pregadores calejados que contam uma vivência que só eles tiveram e não conseguem fazer isso de forma livre; precisam ler do papel. Isto é difícil de aceitar! Por outro lado, a experiência mostra que, mesmo no caso de pregadores iniciantes que relatam (“de ouvido”) uma experiência que só eles tiveram (algo como “o que eu vivi quando minha mãe lutava contra um câncer”), a comunicação se processa de forma bem diferente do que nos momentos em que há dependência do manuscrito.

Essa mesma constatação pode ser feita (eu pessoalmente vi isso acontecer, nos idos da década de 1970) quando um pastor faz um “sermonete” para as crianças e depois prega para a igreja no púlpito. Ao falar para as crianças, de forma livre (e com palavras mais simples), o pastor se comunicava muito bem. No púlpito, dependendo (em parte) de um manuscrito e falando de forma mais “teológica”, ele se tornava mais obscuro. Os membros da igreja guardavam o sermonete, mas não sabiam ao certo qual tinha sido o assunto da pregação!

Situação análoga é aquela em que o pastor foi pego de surpresa (o pregador convidado não pôde vir) e falou de improviso. Ao final do culto, à saída da igreja, o feedback foi muito positivo. O pastor talvez pense que foi o improviso (e se verá tentado a improvisar a partir daquele momento), mas é bem provável que tenha sido o estilo oral e o clássico “olho no olho”.

### **Pregar de ouvido**

Não é necessário repetir aqui tudo o que aparece no artigo “Pregar de ouvido: é possível?” (Revista Igreja Luterana, 2019), em que faço uma resenha ampliada do livro de Dave McClellan, *Preaching by Ear*. NO entanto, algumas observações se fazem necessárias. Preguar sem papel algum não é em si o objetivo. A maioria dos ouvintes não se perturba com o fato de o pregador de tempos em tempos olhar para um papel. Isso mostra que houve preparo e traz certa credibilidade. Mas ninguém se baseia em anotações para falar das coisas que estão no coração e são importantes (fazer pedido de casamento, por exemplo). O objetivo não é ficar sem anotações, mas preparar-se tão bem que se pode apresentar a Palavra da Verdade “ao vivo” num contexto dinâmico.

### **Preparo na oralidade**

A parte mais surpreendente do enfoque de Dave McClellan é a afirmação de que preparar a pregação no ambiente literário é fazer o preparo errado. Segundo McClellan, para um contexto de oralidade, o preparo tem de ser oral. Assim, o escritório ou gabinete não é o local mais adequado para esse preparo.

O melhor local é o santuário ou o púlpito. É claro que esta é mais uma metáfora do que qualquer outra coisa. McClellan entende que a pregação não deve ser “treinada” depois de escrita, mas “ensaiada” (elaborada na forma de ensaios orais) e só depois colocada no papel. Normalmente, a pregação nasce no papel e “renasce” no púlpito.

McClellan sugere inverter o processo: deixar que a pregação nasça na fala (porque pregar é falar). Em outras palavras, não se espera até que a pregação esteja escrita para começar a pregá-la. (Isso seria chocante para o típico professor de Homilética que gosta de insistir com os pregadores principiantes: “Se você não me entregar um manuscrito, você não vai ao púlpito!”)

McClellan parece dizer: “Se você já tiver um manuscrito, você não vai pregar em minha aula de Homilética!”)

Cabe acrescentar que, assim como por vezes não se sabe o que escrever enquanto não se começa a escrever, é possível que em certos momentos só se consiga iniciar uma pregação quando se começa a falar. Se começar a escrever “destrava” quem não consegue escrever, começar a falar pode ter o mesmo efeito. Mas isso não deveria ser deixado para a hora do culto!

McClellan sugere que o pregador faça um mapa, em meia folha de papel. O termo “mapa” casa bem com a metáfora da pregação como “viagem”. Em vez de fazer um esboço, o pregador coloca uma série de ícones ou figuras (desde que saiba desenhar!) que indicam os pontos de passagem ou de parada nessa viagem (os “movimentos” da pregação). A partir do mapa, o pregador começa a ensaiar a sua fala. O mapa e o ensaio distinguem essa pregação do blá-blá-blá espontâneo ou improvisado. O mapa permite que se responda a situações não previstas (algum barulho, por exemplo; uma andorinha que entrou para competir com o pregador).

### **Coragem para dar o salto**

Não se pode forçar ninguém a “pregar de ouvido” ou sem manuscrito. No entanto, como diz o ditado, “por falta de um grito perdeu-se uma boiada”. Não custa estimular a que se faça isso. E quanto mais cedo se começar, melhor. É preciso coragem para saltar e “soltar o trapézio”. Este era o conselho do Dr. William Schmelder, que pregava tendo apenas uma Bíblia à sua frente. Quando a pregação é textual, no sentido de seguir o “esboço do Espírito Santo”, pregar sem manuscrito não é tão difícil assim. Quem elabora um arrazoado teológico que não tem uma sequência mais ou menos clara terá muita dificuldade para reproduzir isso livremente no púlpito. Uma pregação difícil de reproduzir no púlpito é, no mais das vezes, uma pregação que foi mal estruturada.

Richard Caemmerer recomenda ao pregador que memorize ideias, não palavras ou frases. À luz disto, muito melhor do que ter um manuscrito por extenso é ter uma sequência de “tópicos frasais” ou inícios de parágrafo. Isso não fica longe do “mapa” de que fala Dave McClellan. Seja como for, quanto mais cedo o jovem pregador “soltar o trapézio”, tanto melhor. Será mais fácil pregar assim? Garanto que não! Mas pode valer à pena.

## XI

### No púlpito

Foi-se o tempo em que pregar era sinônimo de discursar. (Os membros da igreja, é bem verdade, se impressionam com o ‘discursista’. Registram mais o jeito de falar do que propriamente o que foi falado. Podemos lamentar este fato, mas é uma realidade.) Hoje, a pregação é feita muito mais no estilo da fala, da homilia. (Difícilmente teremos em nossos dias uma situação semelhante àquela que deixou um menino muito assustado. O pregador, num desses púlpitos que ficavam num plano mais elevado (ao qual se tinha acesso pela sacristia, por meio de uma escadaria), esbravejava e gesticulava sem parar. O menino se dirigiu à mãe nestes termos: “Mãe, o que vai acontecer quando soltarem ele lá de cima?”)

### Entonação

Mas, se pregar é falar, mais ou menos como se fala normalmente, isso não significa que se pode falar como se estivesse sentado à mesa, tomando um cafezinho e conversando com um amigo. Mesmo contando com um microfone, é necessário projetar a voz (com alguma impositação), fazer modulação, acelerar e diminuir o ritmo, etc.. No entanto, nada disso deve ser exagerado. Do contrário, desenvolve-se a famosa “tonalidade de púlpito” (*Kanzelton*), que pode se tornar irritante e por vezes chega a ser cômica. (Há pregadores que costumam acentuar exageradamente a última palavra da frase. Outros diminuem o volume na última sílaba, que se torna inaudível.)

O pregador precisa conhecer a sua voz, seu alcance, sua potência, seus recursos. Quem tem voz de tenor precisa, em certos momentos, modular para um tom mais grave (para que a fala não seja estridente), e quem é barítono precisa, de quando em vez, impositar a voz para um tom mais agudo (para que a fala não perca o brilho). É difícil ouvir uma pregação num tom elevado ou num estilo emotivo do começo ao fim. Quem tem fala mansa precisa ser mais enfático de vez em quando. Quem é enfático, é bom serenar de tempos em tempos. “A modulação adequada é para o ouvido aquilo que a pontuação é para o olho”.

Nem todas as pregações são iguais. Há temas que requerem uma fala mais enfática.

Assunto e a apresentação precisam ‘casar’, como uma roupa bem ajustada ao corpo.

## **Articulação, etc.**

Quem fala em público precisa articular bem, “mastigar” as palavras, cuidar para que uma sílaba não acabe engolida (ou seja, para que “confraternização” não soe como “confratzação” e “distribuição de Bíblias” não vire “distruição de Bíblias”). Exercícios de técnica vocal sempre são bem-vindos. Nunca é demais “aquecer” a voz antes de falar em público. Respirar adequadamente ajuda a preservar a voz. Estar hidratado (e ter um copo d’água ao alcance da mão) é fundamental. (Infelizmente, muitos púlpitos não preveem a presença de um copo d’água.) Por último, nunca é demais registrar o lembrete do Dr. Richard Schultz (numa disciplina de Mestrado): “*Good elimination!*” Traduzindo: Se o pregador está “apertado”, impedido de dar uma rápida passada no banheiro, não terá condições plenas para falar com desembaraço.

## **Gestos**

Gestos acompanham a fala e são como que algo natural. Há quem fale sem nunca gesticular. (Afirma-se que Péricles ficava imóvel como se fosse estátua.) Cada orador sabe o quanto gesticula. Quem é comedido nos gestos, talvez tenha de fazer um esforço para falar mais com as mãos. No entanto, isso não pode ser algo forçado. Quem gesticula demais, deve ter cuidado para não parecer um peixe que se debate em água rasa!

Normalmente (a menos que seja uma gravação ou filmagem), não nos vemos gesticulando. É necessário ter cuidado com gestos que se repetem: o braço que sobe e desce, como se o orador estivesse com o machado na mão, cortando lenha; o corpo que balança como se fosse um pêndulo; o dedo em riste apontado para alguém; a munheca fechada, como se logo fosse começar uma luta; os dedos espalmados; etc.

## **O olhar**

Os olhos são o melhor auxílio para a voz. No entanto, há dois extremos a evitar: o olhar que passa toda a igreja em revista e o olhar fixo numa só pessoa. No entanto, é melhor olhar para algumas pessoas do que não olhar para ninguém.

Há registro de pregadores que não conseguiam encarar a congregação: olhavam fixamente

para uma Janela... Também é possível encontrar pregadores que praticamente saem de cena, deixando os olhos semicerrados ou fechados por completo. (Esta postura facilmente resulta no típico “sermão da pomba nos terebintos distantes”.)

### **E o púlpito?**

O púlpito existe para que nele se pregue. Em algumas igrejas, é o único símbolo litúrgico que restou. O púlpito, estando num plano um pouco mais elevado, permite uma boa visibilidade aos ouvintes e ajuda a projetar a voz do pregador. Mas também é verdade que o típico púlpito das igrejas luteranas (uma estrutura redonda feita de madeira) se constitui em obstáculo à comunicação. Assim, há pastores que costumam sair do púlpito em determinados momentos. Mas o púlpito deveria sempre ser o ponto focal da pregação.

Também é verdade que existem púlpitos, e púlpitos. Assim como muitos bancos de igreja (feitos por alguém que sabia que nunca sentaria neles), muitos púlpitos foram feitos ou projetados por pessoas que sabiam que nunca iriam ocupar naquele lugar. A estante (o lugar onde se coloca a partitura) é estreita, não cabendo uma Bíblia e uma folha de papel ao mesmo tempo. O único espaço disponível para um copo d’água é a beirada e, por isso, o pregador precisa vigiar o tempo todo, para não ocorrer um acidente...

O púlpito sempre é do pastor da igreja. Ele foi chamado para ocupar aquele espaço. Ninguém deveria ocupá-lo sem ser convidado. Também não deveria se tornar depósito de livros ou outros objetos. O púlpito existe para que nele se pregue.

## XII

### Epílogo

“Cada texto bíblico é o começo de uma estrada que conduz até Cristo”. (James S. Stewart)

Pregar o evangelho é um privilégio e, no caso do pregador “chamado e ordenado”, um dever. Podemos (e devemos) pregar o tempo todo, espontaneamente, por meio de palavras e ações. Mas quem prega na Igreja tem uma responsabilidade toda especial. Por isso, futuros pregadores são “treinados” numa disciplina chamada Homilética.

Pregar é um dom e uma arte. O dom é, a rigor, inato. A arte pode ser desenvolvida. E este é um processo que se estende por toda a vida. Não existe isso de que “agora estou em plenas condições e não preciso de mais nada”. Cantores fazem técnica vocal, médicos se mantêm atualizados participando de cursos e conferências, mas pregadores por vezes dão a entender que aprenderam tudo na faculdade de Teologia. Mais do que preparar a pregação, cabe preparar o pregador. E o pregador se prepara (é preparado) por meio de constante meditação das Escrituras. (Por vezes, tem-se a impressão de que pregadores leem unicamente o texto que vão pregar. De certa forma, se fizerem a leitura desse texto – e fizerem uma “boa” leitura –, já será um avanço. Pesquisas indicam que muitos pastores brasileiros nunca leram a Bíblia completa pelo menos uma vez na vida...). Mas também é possível manter-se atualizado e crescer na arte da pregação. Se não for possível participar de cursos, recomenda-se a leitura de algo relacionado com a pregação. Alguém disse que o pregador deveria ler ao menos um texto relacionado com a Homilética a cada ano. A igreja percebe se o pastor cresce como pregador ou se ele fica estagnado. (Há uma clara diferença entre 15 anos de ministério – com crescimento, amadurecimento, etc. – e um ano de ministério repetido 15 vezes!) O professor A. J. Schmidt dizia: “A única maneira que os membros da igreja têm de se defenderem de um mau sermão é ficando em casa”.

O pregador é também de modo geral o pastor. Bom trabalho pastoral pode cobrir uma multidão de pecados homiléticos, mas não justifica um relaxamento na pregação. Na verdade, cura d’almas (visitas!) e boa pregação se complementam. (O pastor visita de terça-feira a sexta-feira; os membros da igreja ‘visitam’ no domingo.) Visitas e boas pregações mantêm o povo na igreja.

### XIII

#### **Pregando textos do Novo Testamento**

Pregar textos do Novo Testamento é basicamente pregar textos dos Evangelhos e das Epístolas. No entanto, a Série Trienal inclui também textos de Atos e do Apocalipse (especialmente nos domingos de Páscoa). Isto significa que os “quatro cadernos” do Novo Testamento (Evangelhos, Apóstolos, Paulinas, Apocalipse) estão incluídos, o que equivale a dizer que se pregam textos de todo o Novo Testamento. Se isto não bastasse (em termos de complexidade), ainda temos os subgêneros ou gêneros menores dentro do gênero mais amplo de “evangelho” ou “epístola”.

#### **Pregando os Evangelhos de modo geral**

Um pouco de sofisticação hermenêutica fará bem ao pregador, ou seja, cabe rever o que se aprendeu sobre interpretação dos Evangelhos. Clareza quanto ao conceito de “Reino de Deus” (que muitos entenderão, equivocadamente, como “estar no céu”) é fundamental. Nada (ninguém) é mais central, nos Evangelhos, do que Jesus Cristo. Como sabemos muito pouco sobre quem escreveu cada Evangelho, quando, onde e com que propósito específico, informações de caráter introdutório (a clássica “Isagoge”) não cabem no púlpito (a menos que sejam essenciais para a compreensão de determinado ponto).

Um pouco de “crítica de redação” (que destaca as ênfases teológicas de cada “redator”) não fará mal ao pregador, pois ajudará a ver que os fariseus de Lucas não são exatamente como os fariseus que aparecem em Mateus. (Nem todos os fariseus eram “inimigos ferozes” de Cristo). A “crítica de redação” nos ajuda a ver que cada Evangelho tem as suas peculiaridades e que é preciso resistir à tentação de harmonizar os relatos. Isto não significa que não se possa (nem deva) fazer comparação sinótica (isto é, ver o que aparece nos relatos paralelos, nos demais Evangelhos). Essa comparação permite ver o que cada Evangelho tem de específico ou singular. Afinal, temos quatro Evangelhos, porque existem diferenças entre eles. Mas, se o texto é de Marcos, que se pregue o texto de Marcos!

Cabe levar em conta que os Evangelhos operam em dois níveis, o nível histórico e o nível redacional. Ao pregarmos, temos ainda o nosso horizonte (século 21). Levar em conta o

horizonte do evangelista, algo geralmente esquecido, nos ajudará a superar a ‘fixação’ em fariseus e publicanos, pois, no nível redacional, isto é, no momento em que o texto foi redigido, os publicanos são os gentios (dentro da igreja) e os fariseus são os ‘judaizantes’ (que insistem na manutenção da cultura judaica).

Como não somos “pregadores de perícopes” pura e simplesmente (o que somos de fato é “pregadores do evangelho”), nada impede que ampliemos a perícopes ou o recorte sugerido, caso isso for necessário ou recomendado. É igualmente possível preencher as lacunas que vão ficando entre uma perícopes e outra (isto é, entre um domingo e o domingo seguinte), como bem lembra Richard Jensen, em *Thinking in Story*.

Fácil é recontar a história em rápidos traços e, em seguida, ingressar no âmbito dos devaneios teológicos. A primeira parte da fala é interessante, mas a segunda tende a ser obscura. Fred Craddock aconselha: “Fique mais tempo dentro do texto!” Romanceie a narrativa, isto é, imagine-se na cena e amplie os detalhes (já que as narrativas bíblicas tendem a ser extremamente resumidas). Este tipo de procedimento pode ser questionável do ponto de vista exegético, mas é recomendável do ponto de vista homilético. Entra naquilo que se chama de “liberdades homiléticas”. Um bom guia neste sentido é Walter Wangerin Jr., com o seu “O Livro de Deus: A Bíblia Romanceada”.

A pregação dos Evangelhos coloca o desafio de definir qual é a mensagem de uma narrativa ou de um milagre específico. Como veremos adiante, as Epístolas já trazem essa “condensação teológica”, que, no caso dos Evangelhos, ainda precisa ser feita. As disciplinas de Exegese dos Evangelhos são de grande ajuda. A leitura de uma boa Teologia do Novo Testamento é praticamente indispensável.

A estrutura da narrativa no Evangelho (as diferentes “cenas”) pode determinar os movimentos (ou partes) da pregação. Fazer isso (ou seja, ficar mais tempo “dentro do texto”) pode ser melhor do que rapidamente condensar um tema e pregá-lo sem conexão com a perícopes em si.

Uma história só termina quando acaba, o que significa que o clímax geralmente está no fim. Assim, o ponto alto do episódio da tempestade no lago não é Lucas 8.24 (“tudo ficou calmo”), mas Lucas 8.25 (“quem é este?”). Não raras vezes a ênfase da narrativa recai sobre a fala de Jesus. Muito melhor do que “pregar os personagens (menores)” é focalizar o que Jesus faz e diz! Se mais personagens falam e Jesus também fala, o que Cristo diz é que deveria receber a ênfase.

(Neste sentido, edições da Bíblia com “palavras de Jesus em vermelho” ajudam a ver onde Jesus fala.)

Ignorar os títulos de seção já consagrados, que aparecem em edições do grego ou em traduções ao português, pode trazer um enfoque novo à pregação. Preguar Lucas 15.11-32 em termos de “o filho pródigo (= esbanjador)” seria um enfoque parcial e até mesmo equivocado. Há quem explique o livro de Lamentações (no Antigo Testamento) em termos da experiência do profeta Jeremias, ignorando o fato de que Jeremias aparece unicamente no título do livro (como nós o conhecemos)!

Muitas leituras de Evangelho no culto trazem mais de um episódio. Em recentes revisões da Série Trienal, a tendência foi ampliar essas leituras ainda mais. Nunca é demais ler a Bíblia na Igreja! Havendo vários episódios numa mesma perícopa, o pregador pode ficar em dúvida quanto ao que deveria (ou poderia) pregar. Não raras vezes a leitura do Antigo Testamento (escolhida pelos formuladores da Série Trienal para fazer uma “rima temática” como Evangelho) fornece uma pista.

Quanto a tema da pregação (uma frase com sujeito e predicado), ele é o ímã que atrai apenas o material adequado – aquilo que é ‘metálico’ (Fred Craddock). No caso dos Evangelhos, alguns exemplos de tema: “Entrem pela porta estreita” (Mt 7.13-14), “Peçam mais trabalhadores” (Mt 9.35-38), “Os feitos de Jesus revelam que ele é o Messias prometido” (Mt 11.1-6), “Jesus ressuscitou: venham ver; vão e contem” (Mt 28.5-7).

### **Pregando as Parábolas**

Pregar parábolas é um sonho para o pregador iniciante, mas pode ser um pesadelo para o pregador calejado. Depois de falar tantas vezes a partir delas (e a respeito delas), fica a pergunta: “O que mais ainda posso dizer?” E não faltam parábolas na Série Trienal! No ano de Lucas (ano C), cada quarta leitura de Evangelho é uma parábola. Isso dá em média uma parábola por mês, o que mostra o tamanho do desafio.

Nem tudo que é chamado de parábola no Novo Testamento é de fato parábola (ver Mc 7.14-17). E existem parábolas de verdade que não recebem este nome. É preciso ter cuidado com os rótulos.

Não convém fazer das parábolas um quinto Evangelho, isto é, uma coletânea à parte. É bom

deixar as parábolas no contexto em que se encontram. Não devemos ‘queimar a moldura’. Assim, a mesma parábola em dois Evangelhos não é a mesma parábola. O melhor exemplo é a ovelha perdida (Lucas 15) e a ovelha desgarrada (Mateus 18).

A boa interpretação das parábolas leva em conta a parábola como um todo, evitando ‘tirar um ponto’ de cada frase. Mas também não deveríamos nos sentiremos intimidados pelo antigo ditado de que cada parábola tem apenas um ponto ou *tertium comparationis*. Isto é uma teoria interpretativa elaborada por Adolf Jülicher, que não está escrita em lugar algum do Novo Testamento e é desmentida pela interpretação da parábola do Semeador (nos Evangelhos).

Sendo textos de pregação, que sempre envolve o fio teológico, pregadores (especialmente em tempos passados) tratavam de extrair pontos doutrinários das parábolas, ignorando o caráter metafórico das mesmas. Assim, é importante o ditado latino de que *theologia parabolica non argumentativa*. Traduzindo: Não se deve extrair doutrinas (unicamente) dos textos das parábolas.

Mesmo que uma parábola permita que se extraia mais de uma só lição, cabe respeitar a simplicidade dessas narrativas, evitando o sobrepeso teológico. Na esteira da explicação da parábola do semeador, que faz parte dos Evangelhos, as parábolas foram maltratadas ao longo da história da pregação (e da exegese), por meio de explicação alegórica. Parece que a preocupação era: Como pregar 40 minutos sobre uma história tão simples? (Sobre como pregar, mais será dito adiante.)

O pecado capital em pregação de parábolas é espremer a narrativa (ou colocar tudo no liquidificador) para tirar um tema teológico um tanto abstrato (ou sempre igual), que será abordado numa perspectiva dogmática. O Dr. C. F. W. Walther fez um sermão sobre “justificação pela fé” a partir de Lc 18 (o fariseu e o publicano), sem praticamente fazer referência à parábola!

Explicar os detalhes culturais que iluminam a parábola pode fazer parte da pregação, mas aí ela corre o risco de se tornar aula de exegese. O texto bíblico é apenas um dos quatro fios da pregação.

Narrativas com enredo como que pedem uma pregação no mesmo estilo de uma narrativa com enredo, embora haja controvérsia a respeito. David Buttrick (ao tratar dos Salmos) diz que ninguém faz crítica literária de um poema, escrevendo outro poema! Ao que se poderia responder que crítica literária é uma coisa, pregação é coisa diferente.

Em termos de pregação, transferir a parábola para o contexto atual (reparabolizar ou recontextualizar, isto é, encontrar um equivalente atual para o samaritano, por exemplo) é uma opção viável. Preguar a parábola elaborando novas parábolas, parábolas do nosso dia a dia, poderia ser a forma mais adequada de se pregar as parábolas de Jesus.

Nada impede que se faça uma pregação na forma de “uma coletânea de parábolas de Jesus”, apesar do risco de se cair em repetição. Parece que Jesus explicava uma parábola, contando mais parábolas. Por que não poderíamos fazer o mesmo?

Elementos atípicos (também conhecidos como “extravagância” ou “traços exagerados”) saltam aos olhos, tendem a indicar um ponto saliente (o ponto de comparação!) e se oferecem como bons temas de pregação. Os elementos atípicos (como um campo de região semiárida que produz a cem por um, ou um credor que simplesmente perdoa uma dívida astronômica) revelam que a parábola não é “uma história terrena com lição celestial”, mas “a mensagem celestial (do Reino) em forma de história terrena”.

### **Pregando o livro de Atos dos Apóstolos**

De Atos, recebem destaque, nos domingos de Páscoa-Pentecostes-Trindade, os capítulos (ou partes dos capítulos) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 17 e 20. Não é pouco! Ou seja, vale à pena refletir sobre a pregação de textos de Atos.

Cabe resistir ao impulso reformado de querer restaurar a condição original da Igreja.

Gordon Fee alerta contra a falácia de dizer: “Atos claramente ensina...” Resumindo: não existe propriamente precedente histórico. Aos que “morrem de saudade da Igreja Primitiva” cabe perguntar: a igreja de Corinto serve? (Em tempo, “primitiva” é um termo a ser evitado. Não havia nada de primitivo naquela igreja, a igreja apostólica.) Para quem tem olhos para ver, a Igreja do tempo dos apóstolos se apresenta como uma igreja de qualquer época: agraciada por Deus, mas não isenta de problemas.

Isto não significa que não se possa aprender nada da Igreja Apostólica. O princípio subjacente ao assim-chamado “socialismo da igreja de Jerusalém” (vendiam bens, e o resultado era distribuído em função de necessidades) encontrou expressão no projeto da coleta, organizado por Paulo (2Co 8 e 9). Nossas dificuldades como “sínodo” (igreja regional ou igreja nacional) poderiam entrar numa pregação sobre At 2.42 em diante ou At 4.32 em diante.

## Pregando as Epístolas

As perícopes de epístolas são tiradas de textos argumentativos, em que também é importante lembrar onde nos encontramos na argumentação como um todo. É bom ler a carta toda, e não apenas o texto que será pregado. No contexto daquela época (o tempo do Novo Testamento), as cartas eram lidas na íntegra.

Conectivos (coordenação!) e conjunções (subordinação!) devem receber atenção especial. Textos de epístolas são textos exigentes.

O caráter ocasional das epístolas precisa ser levado em conta, pois nem tudo se transfere para o nosso tempo.

Também nas epístolas podem aparecer vários subgêneros, como narrativas (Romanos 4 é em grande parte uma narrativa), trechos mais poéticos, etc. Correta interpretação – e pregação – passa pela correta identificação do gênero.

Nas epístolas, as teses já aparecem formuladas, o que equivale a dizer que raramente se faz necessário condensar o ensino do texto (como no caso de muitas leituras do Evangelho). O referido “esboço feito pelo Espírito Santo” aparece com mais clareza.

Assim, o professor Otto A. Goerl sugeria que se desse a preferência à pregação de epístolas.

Se numa narrativa (do Evangelho) o desafio é sintetizar o ensino (para que se tenha um tema de pregação), num texto argumentativo o desafio é fazer o caminho inverso, criando uma narrativa a partir da síntese. É possível, sim, fazer uma pregação narrativa com base num texto de epístola! Por trás de muitos textos de epístola existe uma interessante história. Efésios 2.8-10 pode ter o seguinte enredo: 1. Queremos ficar numa boa com Deus a partir do que fazemos (a situação). 2. Mas essas obras não “funcionam” (a complicação). 3. Deus nos salva apesar de nossa fraqueza e fracasso; ele nos salva por graça mediante a fé em Jesus Cristo, que produz boas obras (a resolução).

Como as epístolas têm as seções parenéticas (ou exortativas), essas seções representam um desafio todo especial. Olhar o todo da epístola (especialmente a parte inicial) é mais do que necessário. O imperativo (que está lá! há, sim, um uso didático da lei no Novo Testamento) não pode ser separado do indicativo.

Quanto à forma da pregação, o mais óbvio e simples é o esquema indutivo, com tema formulado a partir do que o texto apresenta e as partes como explicação do texto no sentido

inverso (sermão textual ou expositivo).

Mas também é possível ter um sermão mais didático, com tema formulado a partir do texto, passando-se à explicação do tema, sem conexão mais direta com os elementos do texto (sermão mais doutrinário).

Em qualquer pregação corre-se o risco de ser abstrato, mas isso se acentua no caso das epístolas. Por isso, alguém sugeriu examinar o que se pretende falar com o nariz (você consegue cheirar algo?), com as mãos (consegue perceber algo pelo tato? existe algo para ser tocado?), com os olhos (tem algo para ser visto?), com a boca (tem algo com sabor?) e com os ouvidos (você consegue ouvir algo?).

Exemplos de temas a partir de perícopes de epístola: Viva a vida da ressurreição! (Cl 3.1-4), Façam mais e mais do que já vêm fazendo! (1Ts 4.1-12).

### **Pregando o Apocalipse**

Do Apocalipse, prega-se em geral (fora da Série Trienal) o assunto das cartas às sete igrejas e alguns “textos portáteis” (Ap 2.10; 3.16; 3.20; 14.13). Os textos incluídos na Série Trienal são os ‘textos bonitos’, pois as pragas e os ais são omitidos. Na lista aparecem Ap 1.4-18; 5.8-14; 7.9-17; 21.1-7; 21.9-14,21-27; 22.1-6,12-20.

O Apocalipse tem também o seu contexto: a fé cristã sob a ameaça da besta e do falso profeta (restrições governamentais). É livro de ânimo e consolo a uma igreja perseguida.

O texto base de Apocalipse é Salmo 110.1. O ponto focal é o Cordeiro no meio do trono (Ap 7.17). Quem prega, precisa aceitar e respeitar a distância entre nós e o texto do Apocalipse.

O mal é tão intenso que nós, acostumados à maldade de forma sutil, temos dificuldade de entender. O martírio parece ser o padrão da vida cristã no Apocalipse, tanto que a gente pode facilmente ficar com um sentimento de culpa por ainda estar vivo! (Fred Craddock).

É preciso levar em conta o todo do Apocalipse, e, no caso de textos específicos (as perícopes), o quadro completo. Visões não podem ser fatiadas. Mais do que nunca é preciso levar o todo em consideração, porque “o problema de muitos sermões não é o fato de estarem errados ou faltarem com a verdade, mas de serem muito estreitos ou restritos” (Fred Craddock).

Cabe levar a sério o fato de se tratar de uma série de visões e símbolos. Quando se chega à nova Jerusalém, esse fato é facilmente esquecido. Em vez de “cidade como povo” pensa-se logo

(e sempre) em “cidade para o povo”. A Jerusalém celeste é símbolo do povo de Deus.

O Apocalipse não oferece a opção do escapismo (arrebamento antes da tribulação), do pessimismo (como se a cidade que sobrevive, ao final, fosse Babilônia), do fatalismo (como se tudo estivesse decidido de antemão, com “cartas marcadas”; afinal, há um convite ao arrependimento).

A liturgia e os hinos podem ajudar a pregar o Apocalipse ou fazer a maior parte da pregação.

**XIV****Pregando o Antigo Testamento**

Na Série Trienal de leituras para o culto, os Evangelhos Sinóticos ditam o ritmo (por mais que João também entre, aos poucos, ao longo dos três anos). Quem olha para isso de uma perspectiva do Antigo Testamento, pode até falar sobre um “fundamentalismo dos Sinóticos”. Há uma espécie de ‘superexposição’, pois no mesmo domingo, em anos sucessivos, aparece a mesma história, mesmo se vinda de um Evangelho diferente. (As pessoas nem notam que o Evangelho é outro. Muitas vezes, nem mesmo o pregador faz questão de respeitar a diferença, pois harmoniza os relatos paralelos.)

Os textos do Antigo Testamento (que não sejam os Salmos) apenas fazem um contraponto ao Evangelho do dia. Assim, ouvindo os textos do Antigo Testamento que fazem parte da Série Trienal, dificilmente os fiéis conseguem perceber o estilo, o conteúdo mais amplo e a mensagem de determinado livro do Antigo Testamento. Não se repete o que ocorre com as epístolas do Novo Testamento, que aparecem em leitura seriada. (Olhando por alto, daria para dizer que é possível formar um quadro mais completo do livro de Isaías, que fornece mais de cinquenta leituras de Antigo Testamento na Série Trienal. Mas isso dificilmente vai ocorrer, porque as leituras aparecem em momentos isolados.)

Muitos pregadores talvez nem vejam motivo para queixa em relação ao isso. Ficam, de certa forma, aliviados por não terem de enveredar por esse caminho mais difícil: a pregação de textos do Antigo Testamento. O Antigo Testamento traz várias dificuldades (reais ou imaginárias) ao pregador cristão. Uma delas é a questão da moralidade (ou sua falta) no caso das pessoas que aparecem no Antigo Testamento. (Na verdade, daqui sai o realismo da ética de Lutero! Nós não somos diferentes daquela gente. Em vez de olhar para os personagens secundários, cabe olhar para o personagem principal, que é Deus!)

Uma segunda dificuldade é a distância cultural que fica entre o Antigo Testamento e o nosso tempo. (Na verdade, pouco muda em relação ao Novo Testamento, que também foi escrito em outra cultura. Assim, ler a Bíblia é sempre uma experiência transcultural!)

Ao pregar os textos do Antigo Testamento, o pregador precisa levar a sério o texto que está à sua frente. Se for um texto difícil, ele precisa reconhecer esse fato. Não cabe “dourar a pílula”.

Os textos sempre nos vêm na forma de um recorte. Mas o recorte não precisa ser entendido

num sentido literal. É melhor pensar em termos de um texto demarcado num pano (ou num lençol) bem amplo. Ao se pegar e puxar a perícopé, ela não se separa, mas traz o resto do pano junto. Isto significa, em termos não metafóricos, que é bom levar em conta o cânone como um todo. Ou, no mínimo, o livro todo do qual vem a leitura.

Ao exemplo do que se faz com as leituras do Novo Testamento, o pregador não deveria ter medo de ampliar os textos do Antigo Testamento que fazem parte da Trienal. Não necessariamente na leitura, mas na pregação. Há quem sugira pregar uma série de sermões sobre um livro do Antigo Testamento ou sobre um ciclo narrativo. A melhor época para isso seria o período do pós-Pentecostes.

Como os textos aparecem de forma isolada (por exemplo, Lm 3.22-33, no Próprio 8 da Série B; no domingo anterior era Jó 38 e no domingo seguinte será Ez 2), o pregador pode sugerir ao povo que leiam o livro todo em particular ou em casa, para complementar o que ouviram na pregação.

Nunca é demais repetir que os textos do Antigo Testamento, ao virem até nosso mundo, precisam passar pelo túnel do Novo Testamento (Cristo). Mas, como Horace Hummel gostava de enfatizar, não se trata de “ler Cristo para dentro do Antigo Testamento”, mas “ler Cristo para fora”. Ou seja, é partindo do Antigo Testamento que se precisa chegar ao Novo.

### **Pregando os Salmos**

Salmos, existem os mais variados: de lamentação (de cada três, dois são de lamentação), de ação de graças, de confissão (ou penitência), de confiança, de sabedoria, de conclamação ao louvor (Sl 98.1), etc. Eles são essencialmente orações. Será que podem ser pregados? Podem ser pregados, sim. Mas, se alguém quiser pregar os Salmos que fazem parte da série de perícopes ao longo de todo um ano, o desafio não será pequeno!

### **Contexto histórico?**

Um dos desafios dos Salmos é que em muitos deles nos falta o contexto histórico.

Alguns deles (Sl 105e 106, Sl 135 e 136), é bem verdade, são históricos. Mas poucos são os Salmos que, a exemplo do Sl 137, refletem uma situação histórica específica (nesse caso, a

condição de Israel no exílio). Diferentemente do que ocorre na maioria dos textos proféticos, não temos o contexto histórico dessas palavras. Os Salmos falam da forma mais genérica possível das vitórias de Deus, dos problemas de Israel e dos sofrimentos e da fé individual de pessoas. Por outro lado, eles não tendem para o abstrato. São concretos. Não são fruto de uma religião genérica. Quem fala nos Salmos é o povo de Deus, eleito e inserido na aliança. Apenas como membros do povo da nova aliança, como membros do novo Israel em Cristo, podemos ler os Salmos adequadamente e fazer o mesmo em termos de pregação. Os Salmos são nossos apenas se somos Israel; e somos Israel apenas por meio de Jesus Cristo.

### **O túnel do Novo Testamento**

Os Salmos, assim como o restante do Antigo Testamento, precisam vir ao nosso tempo, passando pelo túnel do Novo Testamento. Nos “feitos grandiosos” de que se fala nos Salmos entram agora também os acontecimentos grandiosos do Novo Testamento. O SENHOR que é louvado nos Salmos é Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O uso do *Gloria Patri* (na liturgia) ao final das leituras de Salmo é uma forma de “cristianizar” os Salmos.

### **Estratégias de pregação dos Salmos**

Estudiosos dos Salmos sugerem diferentes estratégias de pregação dos Salmos. Uma possibilidade é reunir Salmos com tema idêntico. A Criação é um desses temas. Os Salmos 8, 19, 104 e 148 louvam a Deus pela criação. Cada um destaca um aspecto diferente, mas todos aplicam isso à questão da identidade do ser humano diante de Deus.

Outra possibilidade é o “diálogo intratextual”, ou seja, o ato de colocar dois ou mais salmos em diálogo. Por exemplo, o Salmo 1 não considera a possibilidade de um justo afastar-se do caminho da justiça. O Salmo 32 (que começa com o mesmo “bem-aventurado” do Salmo 1) mostra que o perdão é possível para o justo que se afasta.

Uma terceira opção (talvez mais condizente com uma perspectiva neotestamentária) é fazer uma “dobradinha” envolvendo um Salmo e um texto do Novo Testamento. Um exemplo é Salmo 148 ligado a Efésios 1.3-14 (ou Cl 1.9-20): Deus enviou o seu Filho para que pudéssemos outra vez louvar. (Todas as criaturas louvam o Criador, e nós nos juntamos a elas.) O Salmo 47 pode

fazer uma “dobradinha” com o relato da Ascensão de Cristo.

### **Os Salmos e Jesus Cristo**

Os Salmos trazem uma gama de experiências e sentimentos que certamente não refletem o que aconteceu com uma só pessoa (especialmente o rei Davi). Nenhuma pessoa poderia por si só ter passado por todas aquelas situações que aparecem nos Salmos de lamentação. E quem tinha tantos inimigos? Quem é esse “eu” que fala nos Salmos?

Os Salmos refletem (ou antecipam), sim, a experiência de uma pessoa, a pessoa do Messias. Quem ora os Salmos é o Messias, seja como Cabeça ou como Corpo. Cristo é o cumprimento de todo o Antigo Testamento. É também o cumprimento dos Salmos (Lc 24.27, 44). Cristo reúne em si todos os lamentos e sofrimentos dos salmistas – ele leva tudo isso para a cruz. Interessa menos (se é que interessa) a situação de Davi e muito mais a situação do “Filho de Davi”. O salmo em que alguém protesta inocência não é o ‘salmo do fariseu’, mas o Salmo do Messias! Os Salmos imprecatórios (em que se pede que Deus castigue os inimigos) só podem ser orados por Cristo (e em Cristo).

Talvez alguém estranhe esta hermenêutica dos Salmos, mas é assim que o Novo Testamento lê os Salmos. O mesmo ocorre com os teólogos da Igreja Antiga (veja-se a exegese dos Salmos em Agostinho), com Lutero e, em tempos modernos, com Dietrich Bonhoeffer (há uma esclarecedora seção sobre como orar os Salmos no livro “Vida em Comunhão”). Portanto, em vez de fazer uma leitura dos Salmos a partir de situações (em grande parte hipotéticas) da vida de Davi (há pregadores que gostam de relacionar tudo com o pecado de Davi em 2 Sm 11), cabe ouvir nos Salmos a voz do Messias. Oramos os Salmos em Cristo e com Cristo.

### **Pregando os Provérbios**

O livro de Provérbios (junto com Levítico) parece um livro pouco adequado para se pregar. Felizmente, dirá alguém, aparecem poucos textos de Provérbios na Série Trienal.

São três: Pv 9.1-10 (Próprio 15 – Ano B), Pv 8.1-4, 22-31 (Trindade – Ano C), Pv 25.2-10 (Próprio 17 – Ano C). Com a possível exceção do último trecho (Pv 25), esses textos têm um caráter mais narrativo, não trazendo aquela típica sequência de provérbios que parecem não ter

relação uns com os outros. (Ainda assim, Pv 25.2-10 tem como tema comum a figura do “rei”.)

Se extrapolarmos essa seleção feita para a Série Trienal, encontraremos provérbios que sintetizam vivências do dia a dia. Alguns provérbios trazem coisas que as pessoas dizem o tempo todo. Poderia alguém perguntar: “Como podem eles ser palavra revelada de Deus”? (Cumpre lembrar que toda verdade é verdade de Deus.)

Os Provérbios se caracterizam por um estilo *staccato*, em que cada provérbio é um breve poema. (Ler os provérbios rapidamente, um após o outro – algo que aparece em algumas gravações em áudio –, pode resultar em situações jocosas, porque às vezes aparecem em rápida sucessão provérbios que são contraditórios...) Em geral, os provérbios não carecem de muita explicação erudita. Eles são simples, e cada um causa o seu impacto. (Na verdade, um provérbio precisa impactar “de cara”. Do contrário, teremos uma situação semelhante àquela em que se faz necessário explicar uma piada. Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, os provérbios falam de modo mais direto. Nas antigas edições de Almeida, muitos provérbios eram um tanto obscuros. Houve uma tentativa de remediar isso na Nova Almeida Atualizada.)

Provérbios é o livro bíblico que mais vezes fala sobre as alegrias e tristezas da vida familiar. Nossas experiências são antecipadas, nas páginas da Bíblia. Claro, Provérbios tem uma pegada mais otimista; dentro da literatura sapiencial, o contraponto mais pessimista aparece em Eclesiastes.

Num mundo com proliferação de conhecimento, o que nos falta é sabedoria.

Vivemos uma “crise de sabedoria”. Isto não é nada novo; já era um problema em Israel (Pv Pv 4.5,7; 16.16). T. S. Eliot disse (em 1935): “Todo nosso conhecimento nos aproxima cada vez mais de nossa ignorância”. A indústria da propaganda explora esse gosto pela falsa sabedoria. A propaganda se dirige aos “tolos” do livro de Provérbios. Ela quer levar a pessoa a querer algo que ela ainda não se tem ou a querer mais do que ela já tem.

Quanto a possibilidades homiléticas, é importante observar que Provérbios fala à nossa cultura, em grande parte como contracultura.

Os provérbios são sínteses, verdades destiladas de experiências do cotidiano. Ao pregar, o certo seria colocar uma história atrás (ou na frente) do provérbio.

Como são textos ligados à vida (cotidiana) e que intersectam com a vida real, os provérbios são muito adequados para se fazer a conexão com o mundo secularizado (em escolas, formaturas

etc.). Muitos, ao ouvirem um provérbio (e uma pregação a partir de um provérbio), talvez fiquem surpresos ao descobrir que isso se encontra na Bíblia!

## XV

## Apêndices

**1. Superando as pregações com sabor de “pão dormido”**

August Pieper foi professor de Bíblia (Antigo Testamento) no seminário do Sínodo de Wisconsin. Era irmão de Franz Pieper, que escreveu a *Dogmática Cristã* (um texto fundamental no Sínodo de Missouri). Parentescos à parte, August Pieper escreveu, em 1918, um ensaio intitulado “O Desprezo da Graça de Deus é a Morte da Igreja”. Na verdade, o texto foi apresentado numa conferência de pastores. Isto explica por que, a certa altura, Pieper se dirige a seus colegas nos seguintes termos:

Nós mesmos, *pelo caráter maçante de nossos sermões*, somos em grande parte culpados pelo fato de nosso povo não vir à igreja com amor e desejo sincero. Não se trata sempre de um tédio diante da palavra de Deus, mas muitas vezes é um tédio totalmente natural diante das afirmações cansadas, insossas e marcadas pelo senso comum, que se ouvem do púlpito. Domingo após domingo, ano após ano, nossos ouvintes sempre têm de ouvir as mesmas expressões banais, que já ouviram centenas de vezes. Não ouvem e não aprendem nada de novo. Nós os mantemos no mesmo nível de conhecimento de vinte anos atrás. Nosso sermão é uma eterna repetição da teologia que aprendemos na escola, quando Jesus, o professor dos professores, nos diz: “Todo mestre da Lei que se torna discípulo no reino do céu é como um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas” (Mt 13.52).

Por que, então, o sermão é tão chato? Porque está desprovido de *frescor*. É “pão dormido”, algo que *não foi totalmente estudado de novo*. O mestre da lei explica apenas as coisas antigas, aquilo que ele já sabe há bastante tempo e que os seus ouvintes também já conhecem desde muito. O pregador não estudou devidamente, não *encontrou* nada de novo, e por isso não pode entregar nada que seja novo. Se tivesse estudado com afinco, com oração e súplica do Espírito Santo, com temor e tremor, teria encontrado algo novo para pregar. Essa coisa nova teria interessado tanto ao orador que teria apresentado isso com o máximo de interesse. Se o interesse principal do pregador é receber novos conhecimentos da parte de Deus, ele também captará a atenção de seus ouvintes que têm fome espiritual. Como regra geral, *o pastor que se queixa da falta de interesse de seus ouvintes se condena a si mesmo*; é um pastor chato – alguém que não

estuda.

Não acredito que existam pastores entre nós que, via de regra, iniciam o preparo do seu sermão no sábado à noite, ou que, como regra, fazem um discurso *ex tempore*. A verdade é que muitos estão tão sobrecarregados de trabalho que não podem dedicar o tempo necessário para o sermão. Dá pena ver pastores que ... precisam ... por assim dizer roubar tempo para estudar... *Nunca se tornam bons pregadores, porque não conseguem estudar*. Com o tempo passam a ser refinados discursistas. Ninguém consegue sempre dar dinheiro se nunca recebe dinheiro.

Apenas quem continua a estudar com afinco, de forma continuada e séria, pode se encher de conhecimento e do Espírito Santo, pois a graça e o Espírito estão ligados à Palavra, pois a pregação vem pela Palavra (Rm 10.17). Aqui nem mesmo os maiores dons naturais podem ajudar; *aqui apenas uma coisa pode nos socorrer: Examinar as Escrituras!* Se as congregações querem pregadores capazes, então não devem sobrecarregá-los com outras tarefas. Em todas as escolas, tanto de nível superior como elementar, ouvem-se reclamações de que os alunos são avessos a estudo sério, diligente. Esse mesmo mal acometeu aqueles que não mais se encontram na escola; com pastores e professores, a coisa é a mesma que se verifica no caso dos jovens: *a falta de anseio pelo genuíno leite espiritual da graça, o interesse exagerado pelas coisas da vida temporal; querem ter descanso e alívio, dias felizes*. E não vai melhorar para nós enquanto não reconhecermos que isso faz parte do desprezo da graça de Cristo e nos arrependermos sinceramente.

## 2. Quarenta tipos de pregação

Ao longo do tempo, como resultado da experiência pessoal, de observações e de várias leituras, resultou uma pequena coleção de tipos de pregação. Procurei anexar uma metáfora a vários desses tipos. Quando menos se espera, podemos encontrar (ou fazer) uma pregação que poderia receber um (ou mais) desses “rótulos”.

1. Sermão molusco – Pregação sem espinha dorsal ou estrutura.
2. Sermão esqueleto aparente – A estrutura torna-se um fim em si, como algo muito aparente.
3. Sermão avião com sobrepeso – Há muito peso teológico; a pregação não “decola”.
4. Sermão caldo ralo – O oposto do anterior: pouca substância teológica, mera repetição do

que sempre se diz.

5. Sermão andorinha – Movimenta-se ou avança com leveza. Bom modelo.
6. Sermão camarão – Sermão sem cabeça ou sem introdução (foi utilizado por grandes pregadores, mas corre o risco de não engajar o ouvinte).
7. Sermão voo cego – A conclusão não foi pensada e por isso não consegue aterrissar.
8. Sermão viaduto inconcluso – A pregação termina ‘no meio’, sem conclusão (em vez de tentar aterrissar, o piloto interrompe o voo no ar).
9. Sermão que ruma a um delta pantanoso – A pregação vai se desfazendo aos poucos, sem a devida ênfase e sem impacto no final.
10. Sermão Frankenstein – Colagem de frases ou parágrafos tirados de vários lugares, com costura mal feita.
11. Sermão roda-gigante – Anda, anda, mas não sai do lugar (sermão sem movimento).
12. Sermão “proibido retornar” – Não se retoma nada, não se repete nada e, por isso, os ouvintes ficam para trás.
13. Sermão escadinha – Pregação retilínea (semelhante à anterior, mas com estrutura de três ou quatro partes) em que não se retoma nada do que foi dito anteriormente.
14. Sermão Papa-léguas – O pregador parece apressado e avança num ritmo que poucos conseguem acompanhar.
15. Sermão Dois em Um ou Sermão Zebrafa – De repente, no minuto 20, começa uma nova fala, talvez por temor de que a pregação vai ficar curta demais. Cai por terra o ideal do tema único.
16. Sermão apascenta as minhas girafas – Pressupõe que todos sejam seminaristas ou que todos estudaram um pouco de grego.
17. Sermão na língua de Canaã – Rola a conhecida linguagem teológica que nem mesmo os ‘de dentro’ entendem (“pecado”, “justificação”), ignorando o fato de que o grande desafio é falar teologicamente com uso de linguagem secular.
18. Sermão “falando com os meus botões” – O pregador faz uma reflexão como se estivesse sozinho em sua sala.
19. Sermão “quem me dera ter asas” (Sl 55.6) – Fala de uma realidade distante, que não é a dos ouvintes (um exemplo disso é a “malhação de escribas e fariseus”).
20. Sermão alerta de spoiler – O pregador apresenta um resumo no início do culto ou formula

um tema que já traz todas as respostas.

21. Sermão narrativo – Um modelo muito valorizado pela ‘nova homilética’, apostando no fato de que histórias cativam e nos convidam a entrar nelas. Não é fácil pregar assim.
22. Sermão Alfred Hitchcock ou enredo com suspense – É o modelo de Eugene Lowry, com base num enredo: introduz, esbarra num problema (o conflito), e move-se rumo à resolução do conflito.
23. Sermão Bíblia com zíper – Pregação descolada da Bíblia, por vezes (mas nem sempre) simbolizada pelo ato de se ler o texto, fechar a Bíblia e colocá-la de lado.
24. Sermão rio que serpenteia – Um bom modelo, porque avança num ritmo bom e toca de novo (ainda que de leve) nos lugares já visitados. Também chamado de modelo espiral. Um bom modelo de pregação.
25. Sermão viagem – Um roteiro de viagem, com ponto de partida, lugares por onde vamos passar e um ponto de chegada. A viagem não precisa ser em linha reta. Um bom modelo.
26. Sermão joia multifacetada – Um tema é apresentado sob vários ângulos (talvez com a inserção de elementos tirados das várias leituras do dia). Outro bom modelo.
27. Sermão obra-prima literária – Escrita para ser publicada, mas não no padrão da comunicação oral. Soa bem, mas não comunica necessariamente.
28. Sermão caravana que passa em noite escura – Pregação sem ênfases, sem contrastes e muitas vezes até com monotonia.
29. Sermão já sei o que você vai dizer – Pregação que segue sempre o mesmo trilho batido.
30. Sermão Déjà-vu – Muda o texto, mas a pregação é sempre a mesma.
31. Sermão fonte que não jorra – O pregador mostra que está esgotado e nem mesmo bombeando do fundo do poço sai alguma coisa.
32. Sermão maná bichado – Pregação de outra época, sem o frescor do que foi preparado na véspera.
33. Sermão corredor sem janelas – Passa do gabinete fechado do pregador ao recinto fechado da igreja, não permitindo que entrem as situações de nosso tempo.
34. Sermão ‘jornal nacional’ – A pregação se limita a comentar os fatos da atualidade, ignorando que as pessoas muitas vezes já saem de casa para ficar longo do noticiário.
35. Sermão rabo piedoso – Final teológico para uma fala que, em sua maior parte, tinha pouco de teológico.

36. Sermão evangelho no play – Em determinado momento o pregador aciona uma tecla imaginária e toca a surrada verbalização do evangelho (“mas Jesus morreu pelos nossos pecados...”), mesmo que a moléstia diagnosticada seja outra.
37. Sermão jardim sem flor – “Um sermão sem Cristo é como um jardim sem flor” (Charles Spurgeon).
38. Sermão “como eu amo a exegese” – O pregador confunde aula de exegese com pregação.
39. Sermão “como é sofrida a minha vida” – O foco da pregação passa a ser o pregador e suas vicissitudes.
40. Sermão “quatro fios bem trançados” – Os quatro fios da pregação (texto, teologia, lei-evangelho, ouvinte) aparecem, num trançado bem elaborado.

### 3. Roteiro para avaliação de uma pregação (baseado num formulário de Richard Caemmerer)

Pregador: \_\_\_\_\_ Texto: \_\_\_\_\_ Domingo ou dia festivo: \_\_\_\_\_

Demais leituras bíblicas do dia:

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

#### I. Conteúdo

Tema \_\_\_\_\_ Introdução que leva ao tema?

I. Objetivo (de fé ou de vida) bem definido?

O texto bíblico aparece na pregação (fio textual)? Como aparece o fio teológico ou doutrinário?

Diagnóstico bem-feito (lei), a partir da situação de hoje?

Evangelho em quantidade e qualidade? Evangelho relevante em função do diagnóstico? Que imagem do ouvinte é proposta?

Há contextualização litúrgica (o período do ano litúrgico)? Aproveitamento dos demais textos (ou de outros textos bíblicos)

#### II. Estrutura

É um todo coerente, com começo, meio e fim? A transição de um ponto a outro é bem-feita? O assunto (tema) é um só? Há coerência?

Linguagem direta, contemporânea, ou “língua de Canaã”? Ilustrações? Se sim, são adequadas?

Que dizer da conclusão?

#### III. Apresentação (a pregação no púlpito)

Dependência do manuscrito ou pregação de ouvido? Articulação das palavras e pronúncia

Voz com modulação? Pausas e respiração? Velocidade da fala ou fluência

Tom de púlpito (*Kanzelton*)? O olhar dirigido para onde?

Gestos e expressão corporal como um todo Duração da fala